

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS

**EDUCAÇÃO EM SAÚDE COM ADOLESCENTES NO ASPECTO
REPRODUTIVO-SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS**

JÉSSICA FLÁVIA DA SILVA OLIVEIRA

PROF^a. DRa. LENICY LUCAS DE MIRANDA CERQUEIRA
ORIENTADORA

Cuiabá, MT

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS

**EDUCAÇÃO EM SAÚDE COM ADOLESCENTES NO ASPECTO
REPRODUTIVO-SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS**

JÉSSICA FLÁVIA DA SILVA OLIVEIRA

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências Naturais.

PROF^a. DRa. LENICY LUCAS DE MIRANDA CERQUEIRA
ORIENTADORA

Cuiabá, MT

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

D111e DA SILVA OLIVEIRA, JÉSSICA FLÁVIA.
Educação em Saúde com Adolescentes no Aspecto
Reprodutivo - Saúde e Prevenção nas Escolas / JÉSSICA
FLÁVIA DA SILVA OLIVEIRA. -- 2020
82 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: LENICY LUCAS DE MIRANDA
CERQUEIRA.

Dissertação (mestrado profissional) – Universidade
Federal de Mato Grosso, Instituto de Física, Programa de
Pós-Graduação Profissional em Ensino de Ciências
Naturais, Cuiabá, 2020.

Inclui bibliografia.

1. Sequência Didática. 2. Sexualidade. 3. Adolescência. I.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "Educação em Saúde com Adolescentes no Aspecto Reprodutivo - Saúde e Prevenção nas Escolas"

AUTORA: MESTRANDA Jéssica Flávia da Silva Oliveira

Dissertação defendida e aprovada em 19 de março de 2020.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. Doutora **Lenicy Lucas de Miranda Cerqueira** (Presidente da Banca / Orientadora)

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso

2. Doutora **Maria Corette Pasa** (Examinadora Interna)

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso

3. Doutora **Sandra Mariotto** (Examinadora Externa)

INSTITUIÇÃO: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

CUIABÁ, 19/03/2020.



Documento assinado eletronicamente por **LENICY LUCAS DE MIRANDA CERQUEIRA, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 19/03/2020, às 17:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA CORETTE PASA, Chefe do Departamento de Botânica e Ecologia - IB/UFMT**, em 23/03/2020, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandra Mariotto, Usuário Externo**, em 26/03/2020, às 15:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2287283** e o código CRC **4441242B**.

DEDICATÓRIA

Dedico à minha filha Lavinia, como incentivo aos seus estudos, na perspectiva que a educação é o melhor caminho para a realização de sonhos e à minha mãe que sempre me mostrou o caminho certo a trilhar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, um pai tão amoroso que me permitiu realizar esse grande sonho, ser mestre.

À minha mãe Sidalice, pela parceria de uma vida toda, pelas renúncias feitas para que eu pudesse estudar, pelos cuidados com a minha filha para que eu conseguisse cumprir os créditos e escrever minha dissertação.

Ao meu pai Joaribe, por me dizer sempre que a única coisa que ninguém jamais poderia tirar de mim seria os meus estudos, foi meu exemplo, dentre vários irmãos o único a se formar apesar das inúmeras dificuldades vividas.

À minha filha Lavinia, pelo companheirismo, pelo amor e sorrisos trocados.

Aos colegas de turma do PPGEEN 2018, pelo companheirismo, pelas trocas, risadas e empatia.

À minha amiga Monika pelo carinho, ajuda e companheirismo, foi quem mais me incentivou a entrar no programa, serei grata eternamente.

À querida orientadora Lenicy, pela contribuição com meu trabalho, pela leveza como conduziu a orientação, sem pressão, e dando liberdade para estudar, criar, aplicar e escrever, com suas dicas preciosas e correções fundamentais.

À banca Examinadora no processo de qualificação, professoras Dra. Sandra Mariotto e Maria Corette Pasa, pelas riquíssimas contribuições para a finalização dessa dissertação.

Ao programa PPGEEN que me acolheu e me desafiou a dar o melhor de mim pela pesquisa e pela ciência.

Aos meus alunos, com quem aprendo diariamente, minha fonte de inspiração, que despertam a minha curiosidade e meu desejo para aprender mais sobre essa fase em que vivem, momento singular de inúmeras transformações: a Adolescência.

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção”
(Paulo Freire)

RESUMO

OLIVEIRA, J.F. da S. **Educação em Saúde com Adolescentes no Aspecto Reprodutivo-Saúde e Prevenção nas Escolas**.82p. Cuiabá, 2020. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Universidade Federal de Mato Grosso.

O presente estudo apresenta uma sequência didática sobre os aspectos reprodutivos e Saúde sexual do adolescente, uma temática de extrema relevância, com enfoque na perspectiva de prevenção e valorização do adolescente e de sua sexualidade. O tema se desenvolve aliando definições sobre puberdade, aspectos reprodutivos e de prevenção de gravidez precoce e Infecções sexualmente transmissíveis no espaço escolar. A pesquisa é de cunho qualitativo com elementos de pesquisa-ação e articula espaço de discussão e reflexão aos adolescentes. Deste modo, foi possível responder ao objetivo da pesquisa, que se trata de oportunizar ao adolescente informações sobre educação em saúde, visando a construção do conhecimento e a adequação de postura responsável e consciente acerca da vivência de sua sexualidade. Para a coleta de dados, realizou-se entrevista semi-estruturada, avaliação somativa, complemento de frase, observação direta e participante e questionário para a validação do produto. A sequência didática dividiu-se em seis momentos, sendo o primeiro deles, o levantamento de conhecimentos prévios e finalizando com a construção de um jogo de roleta e cartas. Para a validação do produto educacional foi utilizado um questionário para avaliação da metodologia e sobre a importância da discussão dessa temática no ambiente escolar. O resultado da pesquisa é satisfatório, pois aponta a importância das aulas de ciências como espaço para reflexão, discussão e sensibilização acerca dos riscos e vulnerabilidades dos adolescentes em relação à sexualidade, principalmente no que tange a gravidez precoce e a transmissão das diversas doenças. Portanto, concluímos que a educação sexual tem seu início em casa e precisa ter sua discussão ampliada no ambiente escolar, principalmente nas aulas de ciências, que por meio da reflexão crítica contribua com mudanças de comportamento e minimização da vulnerabilidade do adolescente frente às questões discutidas.

Palavras-chave: Sequência didática, sexualidade e Adolescência

ABSTRACT

OLIVEIRA, J. F. DA S. **Health Education with Adolescents in the Reproductive Aspect-Health an Prevention in Schools.** 82p. Cuiabá, 2020. Dissertation (master's degree) – Graduate Program in Teaching of Natural Sciences, Federal University of Mato Grosso.

The present study presents a didactic sequence about reproductive aspects and adolescent sexual health, an extremely relevant topic with focus in the perspective of prevention and valorization of adolescents and their sexuality. The theme is developed by combining definitions about puberty reproductive and prevention aspects of early pregnancy and sexually transmitted infections in the school space. The research is of a qualitative nature with action research elements and articulates space for discussion and reflection to teenagers, that way, it was possible to answer the research objective that is about giving the teenager the opportunity health education information aimed at building knowledge and adjusting posture responsible and conscious about experiencing their sexuality. For data collection, semi-structured interviews were conducted, summative assessment, sentence complement, direct and participant the first one being the survey of previous knowledge and ending with the construction of a game of roulette and cards. For the validation of the educational product, a questionnaire was used for evaluation of the methodology and about the importance of discussing this topic in the school environment. The research result is satisfactory, as it points out the importance of science classes as a space for reflection, discussion and awareness about the risks and vulnerabilities of adolescents in relation to sexuality, especially with regard to early pregnancy and the transmission of various diseases. Therefore, we conclude that sex education starts at home and needs to have its discussion expanded in the school environment, mainly in science classes, which through critical reflection contributes to changes in behaviour and minimizes the vulnerability of adolescents in the face of the issues discussed.

Keywords: Didactic sequence; Sexuality; Adolescence.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	12
2- PERCURSO DA PESQUISADORA.....	14
3- CAPÍTULO 1 - A PESQUISA.....	16
3.1 SITUAÇÃO PROBLEMA.....	16
3.2 JUSTIFICATIVA.....	16
3.3 OBJETIVOS.....	17
4- CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
4.1 Abordagem SDI Sequência Didática Interativa.....	18
4.2 Ludicidade no Ensino de Ciências.....	19
4.3 Saúde Sexual do(a) Adolescente.....	21
4.4 Saúde e Sexualidade na Escola.....	23
5- Capítulo 3 – METODOLOGIA.....	26
3.1 Percurso Metodológico.....	26
3.2 Uma Sequência Didática Interativa em forma de Guia Didático.....	28
3.2.1 Momento 1- Levantamento dos conhecimentos prévios.....	29
3.2.2 Momento 2- Meu amigo quer saber.....	29
3.2.3 Momento 3 Pesquisa, Produção de Texto e Roda de Conversa.....	29
3.2.4 Momento 4 Mito ou Verdade.....	30
3.2.5 Momento 5 Documentário.....	30
3.2.6 Momento 6 Roleta da Sexualidade.....	30
6- Capítulo 4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	30

4.1 Conversa sobre sexo com os pais.....	31
4.2 O Uso de Camisinha.....	35
4.3 As conseqüências da Gravidez Precoce.....	36
4.4 Diálogo sobre sexualidade em sala aula.....	37
4.5 Complemento de Frases.....	38
4.5 Assistindo ao Documentário.....	43
4.6 Roleta da Sexualidade.....	46
4.7 Validação- Análise do Questionário Final.....	50
7- Capítulo 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
8 – REFERÊNCIAS.....	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capa do Guia Didático-----	28
Figura 2. Representação sobre com quem conversam sobre sexo-----	32
Figura 3. Representação sobre a função do preservativo-----	35
Figura 4. Alunos assistindo ao documentário “Tudo sobre Gravidez”-----	43
Figura 5. Desenho sobre gravidez na adolescência Aluno E09-----	44
Figura 6. Desenho sobre gravidez na adolescência Aluno E13-----	46
Figura 7. Papéis cartão de cores diferentes distribuídas para os 7 grupos-----	46
Figura 8. Cartões produzidos pelos alunos com perguntas e respostas-----	47
Figura 9. Roletas com os temas e com os números-----	48
Figura 10. Cartas prontas com perguntas e respostas criadas por cada grupo-----	50
Figura 11. As IST's que conheceram durante as aulas-----	51
Figura 12. Idade ideal para a iniciação sexual-----	52
Figura 13. Aula de ciências e a influência nos comportamentos de risco-----	53
Figura 14. Palestra sobre sexualidade nas escolas-----	59
Figura 15. Palestra sobre sexualidade -----	59

Lista de Tabelas

Tabela 1. O porquê é tão difícil falar sobre sexo com os pais.....	34
---	----

INTRODUÇÃO

O cuidado com o adolescente é um desafio para a família, escola e também para a sociedade e há necessidade da implantação de políticas públicas que tratem desse público para que haja um desenvolvimento integral e também a prevenção de situações de risco que prejudiquem a saúde física e mental dos mesmos. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990), são considerados adolescentes os que estiverem na faixa dos 12 aos 18 anos; e esta é uma fase marcada por várias transições, sejam elas físicas, biológicas e sociais.

Em janeiro de 2018, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) atualizou e publicou a Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade, visando uma aprendizagem estruturada sobre sexualidade, centrada no interesse dos jovens. A orientação permite que as autoridades nacionais possam criar programas de formação visando um impacto positivo na saúde e bem-estar dos jovens.

De acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) de 2019, temas relacionados à reprodução e à sexualidade são de grande interesse e relevância social para a faixa etária dos anos finais do ensino fundamental. Para que, ao serem abordados, estejam aptos a compreender como seu corpo é organizado e como funciona, ser capaz de compreender as mudanças físicas e emocionais que acompanham a adolescência, bem como, que sejam capazes de assumir o protagonismo nas diversas perspectivas como autocuidado físico, mental, sexual e reprodutivo, além do respeito com seu corpo e com o corpo do outro.

Na compreensão de Coll *et al* (2004 p.310), o adolescente é caracterizado por realizar a transição de uma etapa onde está no centro do apego familiar, para um sistema centrado em um grupo de iguais, onde os membros possuem as mesmas idades, a própria moda, os próprios hábitos, estilo de vida e passam a ter as mesmas inquietações.

Para Sprinthall e Collins (2003, p.405), a sexualidade do adolescente não é algo tão simples, pois não podemos pensar somente como alterações físicas ou biológicas, a sexualidade envolve emoções, comportamentos e atitudes, e quando se trata de reprodução, não envolve somente a procriação ou perpetuação da espécie, mas um

conjunto de fatores sociais, familiares e pessoais que acompanham as relações íntimas de cada indivíduo.

Para De Carvalho (2009), a sexualidade está presente desde o momento em que nascemos e que a educação acontece em todos os ambientes, e não somente no âmbito escolar; inclusive pela mídia, seja televisiva, web, revistas ou jornais.

Como explicar o alto índice de gravidez entre adolescentes, mesmo existindo divulgações sobre métodos contraceptivos, nas mídias sociais, unidades de saúde e nas escolas? Por que cresce o número de IST's (Infecções sexualmente transmissíveis) entre os adolescentes? Por que o uso de preservativo ainda é baixo principalmente nas primeiras relações sexuais entre os adolescentes?

Nesse momento da vida, os adolescentes passam por muitas mudanças e muitas delas com dificuldades relativas ao crescimento físico, amadurecimento psicológico, relacionamento familiar, grupo de amigos, sexualidade, violência, uso de drogas, pressão familiar para a entrada em uma universidade e no mercado de trabalho.

Em relação às transformações físicas, conhecidas como características secundárias, Sprinthall e Collins (2003, p.51 e 52) apontam:

“Assim, para além das modificações no tamanho e na forma do corpo e na capacidade física, que resultam do surto do crescimento dos adolescentes, as transformações que os tornam capazes de procriar constituem as alterações drásticas da pubescência e puberdade.”

Para Figueiró (2009), a sexualidade do ser humano numa concepção contemporânea, enfocando de forma ampla e abrangente, envolve todas as dimensões do indivíduo, tanto o biológico, quanto o social, o emocional, o cultural e o religioso, enfim, podendo dizer que a sexualidade se manifesta de diferentes maneiras, em todas as fases de desenvolvimento, do bebê ao indivíduo adulto. A sexualidade humana não pode causar prejuízos, riscos ou danos ao indivíduo, ou ao parceiro/a e nem mesmo causar desequilíbrios ao meio social, dessa maneira, necessita ser respeitada, uma vez que ela é individual.

Sprinthall e Collins (2003, p.407), afirmam que a sexualidade pode até iniciar com a biologia, mas termina com a cultura, e define duas diferenças principais entre os indivíduos: as diferenças entre gênero, e as diferenças entre a sociedade e cultura.

Percurso da Pesquisadora

Dessa forma, considero importante a abordagem desse assunto, pois em minha adolescência, esse assunto sempre foi tabu, meus pais não conversavam comigo sobre as transformações que estavam acontecendo; sobre assuntos inerentes àquela fase, inclusive sobre menstruação e as características secundárias.

Na escola nunca tive aulas sobre educação sexual e hoje como educadora, consigo ver a importância de se discutir sexualidade na escola como uma grande aliada na prevenção de situações de vulnerabilidade.

Nasci em 1984, na cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso, onde resido até hoje. Em agosto de 2003 iniciei a minha graduação em Ciências Biológicas, na UNIC (Universidade de Cuiabá), e como meus pais não tinham condições de pagar meus estudos, comecei a trabalhar no período da tarde para custeá-los, na Secretaria Municipal de Saúde, na função de agente operacional de saúde, com o Programa Saúde da Mulher, que trabalhava com o cadastro e acompanhamento de gestantes e também o registro e acompanhamento das pacientes que realizavam o exame Papanicolau, e comecei a me interessar bastante pelo tema Educação e Saúde.

Em 2005 comecei a estagiar voluntariamente no LACEC (Laboratório Central de Cuiabá), onde passei por vários setores, como o da Urinálise, Microbiologia, Parasitologia, Hematologia, Coleta, entre outros.

Durante o curso da graduação, outra área que me despertou o interesse foi o da licenciatura, na disciplina de Práticas Pedagógicas V, na preparação das aulas e no desenvolvimento em sala com os colegas. Diante da clareza das explicações, dos recursos criados, me identifiquei com a possibilidade de lecionar, que deu início realmente às aulas práticas, onde preparávamos materiais e aulas para serem lecionadas entre nós colegas da turma, e esses foram os melhores momentos, em minha opinião e ali nascia uma professora.

Na escolha do tema do TCC, escolhi Educação e Saúde em Hanseníase, que são duas áreas que tenho afinidade, e creio que a informação é grande aliada da prevenção.

A minha jornada na educação básica se deu em escolas públicas e privadas, no município de Cuiabá no Estado de Mato Grosso. Durante os estágios me destaquei, e

foi onde comecei a preparar as aulas e sempre em busca de métodos diferenciados, com o uso de alguns recursos que encontrava na época, conseguia ministrar aulas bem dinâmicas e consegui obter um bom resultado.

Assim que concluí o curso de graduação, fui convidada por um colega da área, para lecionar na Escola Estadual Liceu Cuiabano, aceitei o convite e lá iniciei a minha vida profissional, no ano de 2008. Na referida escola fui muito feliz, trabalhei por nove anos consecutivos, por se tratar de uma escola que fazia parte do Ensino Médio Inovador, que recebia muitas verbas do governo e isso me proporcionou a realização de aulas diferenciadas, principalmente no Laboratório de Ciências e com aulas de campo variadas.

Durante o período no Liceu Cuiabano, também lecionei em algumas escolas particulares, e em uma delas me encontro até hoje. Em 2018 me tornei efetiva no Estado, após ser aprovada no concurso público, e estou lotada em duas escolas da capital, Escola Estadual Senador Azeredo.

Enquanto educadora, sempre busquei por metodologias diferenciadas que pudessem proporcionar aos meus alunos uma aprendizagem mais eficaz, e foi nessa perspectiva que iniciei o Mestrado em Ensino de Ciências, onde ingressei no ano de 2018 na Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECN/UFMT).

O PPG é mestrado profissional, com bom conceito e que tem como objetivo a criação de produtos educacionais, que foi justamente a parte que me encantou. Posso dizer que não foi um período fácil, pois tive que conciliar meu trabalho em três escolas diferentes e a manutenção da minha família, principalmente os cuidados com minha filha, ainda pequena, porém todas essas dificuldades só serviram para me impulsionar na realização dos meus sonhos.

Capítulo 1- A Pesquisa

1.1 Situação Problema

Temos como problema de pesquisa: Como as aulas de Ciências podem colaborar com a diminuição de comportamentos sexuais de risco entre alunos adolescentes de uma escola pública em Cuiabá-MT?

Essa investigação acontecerá com os próprios adolescentes, durante as aulas, onde a sequência didática interativa será aplicada. Como hipótese, temos que as aulas de ciências, as discussões acerca do tema, a informação em saúde sexual e reprodutiva podem diminuir os comportamentos de riscos dos adolescentes e dessa maneira evitar situações graves e que são questões de saúde pública como gravidez precoce e IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis).

1.2 Justificativa

Pelo fato do assunto, muitas vezes ser deixado de lado em casa, é necessário que o professor, principalmente de Ciências, cumpra esse papel de desmistificar o assunto reprodução e sexualidade, que por meio de aulas dinâmicas, contextualizadas, que trate o adolescente como protagonista, que ele possa falar e ser ouvido, e dessa maneira construir seu conhecimento.

Se a escola não tratar esse assunto, transmitirá ao aluno que realmente trata-se de um tabu, que não pode ser falado, e que não faz parte do contexto educacional, como afirmam (SUPLICY *et al.*, 2000), no livro "Sexo se aprende na escola". A escola é um ambiente propício para contribuir com uma visão positiva da sexualidade, proporcionando discussões, debates e fornecimento de informações corretas, para que os estudantes criem e repensem valores, além de partilhar emoções e preocupações.

Muitas vezes os adolescentes pensam dominar esse assunto, pela troca de experiências com outros adolescentes inexperientes, e acabam iniciando e dando continuidade a uma vida sexual ativa e de forma arriscada. Muitas vezes, sem conhecimentos básicos sobre o funcionamento dos próprios órgãos reprodutores, sem conhecer as formas de se prevenir, não só de gravidez indesejada, mas de inúmeras IST's que podem acometê-los, pela não utilização de preservativos, sendo esta a forma mais segura de preveni-las.

Para Sousa *et al* (2006, p.4), as crenças e mitos em relação ao tema sexualidade, exercem significativa influência na prática sexual, e essa vivência quando ocorre de forma errônea, falsas ideias podem desencadear consequências irreversíveis, como gravidez precoce, muitas vezes acompanhada de risco de morte ou complicações, danos psicológicos e até mesmo o risco de contrair HIV.

A escolha do tema se deve, em primeiro lugar, ao fato da necessidade de esclarecimentos e discussões acerca de um assunto de extrema relevância, que são as transformações que ocorrem nesse momento com nossos alunos. Há necessidade de apresentar a eles, métodos que os auxiliem a evitar a gravidez precoce, e principalmente a contração de doenças e infecções sexualmente transmissíveis.

Em segundo lugar, preencher uma lacuna, que deveria ser preenchida pelos familiares, e se não for realizada pela escola, poderá ocasionar ao adolescente, mudanças drásticas e permanentes em sua vida. É importante deixar claro, que ao tratar o tema sexualidade com os adolescentes, é necessário que sejam considerados seus valores, princípios e modos de vida.

Na opinião de Suplicy *et al* (2000), a escola é um espaço privilegiado para a orientação sexual, pois se trata de uma intervenção pedagógica, um local que permite liberdade de se expressar, problematizar temas polêmicos, além de ser um ambiente acolhedor, que podem estreitar vínculos entre os estudantes e o professor.

1.3 Objetivos

O objetivo geral da pesquisa foi de criar uma sequência didática que aborde conteúdos sobre sexualidade e reprodução com adolescentes de uma turma de oitavo ano do ensino fundamental, informações sobre educação em saúde no aspecto reprodutivo ao proporcioná-los subsídios para que se desenvolvam sexualmente de forma consciente e segura, por meio do conhecimento de seu próprio corpo, de sua valorização e respeito a si e ao próximo. Para atingir o objetivo geral, temos como principais objetivos específicos:

- Descobrir o nível de entendimento do aluno sobre essa fase que está vivenciando, sobre as transformações físicas (características secundárias) e hormonais, sobre a puberdade e a identificação das funções dos órgãos dos aparelhos reprodutores;
- Elencar as principais dúvidas que os alunos possuem em relação à sexualidade e aspectos relacionados à reprodução;
- Identificar cada órgão dos aparelhos reprodutores feminino e masculino e suas funções;

- Selecionar temas interessantes sobre o assunto e que realizem uma pesquisa sobre o assunto escolhido e que posteriormente seja produzido um tema a respeito;
- Abordar as IST's, suas consequências, sintomas, tratamento e prevenção;
- Mostrar a variedade de métodos de contracepção que existem e que colaboram para evitar a gravidez indesejada e precoce através de painéis e jogos construídos pelos próprios estudantes com o auxílio e mediação do investigador.

Capítulo 2- Referencial Teórico

2.1 Abordagem SDI Sequência Didática Interativa

Para De Araújo (2013), Sequência Didática Interativa é uma maneira de organizar atividades de ensino em uma sequência, de acordo com os núcleos temáticos segundo.

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), é um conjunto de atividades escolares que de forma sistemática são organizadas. Esse termo Sequência Didática Interativa teve sua origem na França em 1996, na organização de conhecimentos no ensino de Línguas, e podem envolver diversos tipos de atividades, como escuta, leitura, escrita.

Galiazzi e Moraes (2011) referem-se como um processo de construção de categorias, que ocorre por um encadeamento sequenciado composto por vários passos, onde irá ocorrer um aperfeiçoamento gradativo dos agrupamentos, que vai tornando a compreensão cada vez mais aprofundada dos fenômenos. O pesquisador precisa deixar suas regras de classificação explícitas, e então esse processo de categorização, funciona como uma sequência de passos, que organiza um determinado conjunto que reúne elementos interligados e dessa maneira a compreensão vai sendo construída.

Segundo Oliveira (2013), a SDI trata-se de uma ferramenta didática que pode e deve ser adaptada para que o professor consiga desenvolver e construir novos conceitos, sistematizar o que os alunos já sabem e produzir novos conhecimentos.

Na aplicação da SDI sobre Sexualidade e Reprodução, contamos com um roteiro que pôde ser modificado a partir das discussões que surgiram em sala, pois torna-se

necessário levar em questão as características do grupo. O planejamento se torna um roteiro de possibilidades, como enfatiza (Suplicy *et al.*, 2000), pois a medida que a sequência vai se desenrolando, vão vindo à tona características específicas do grupo estudado.

Como afirma Oliveira (2013), a SDI traz o diálogo entre o professor e os alunos como ponto de partida para fomentar as discussões relacionadas ao assunto estudado, previamente tendo realizado sondagens a respeito das concepções que os estudantes já possuem.

2.2 Ludicidade no Ensino de Ciências

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) apontam os jogos didáticos como uma ferramenta que auxilia no desenvolvimento do estudante, aprendem a lidar com símbolos e também a fazer analogias. Dessa maneira, tornam-se capazes de desenvolver habilidades de compreensão, aprendem regras, e passam a interagir social, cognitiva e emocionalmente, além de sentirem-se integrados.

Segundo Antunes (2011), a proposta dos PCN's está situada nos princípios construtivistas, além de trabalhar o aspecto multidisciplinar, pois possibilita ao aluno construir seu conhecimento, pela construção dos significados, explorar os temas transversais e objetivando formar um aluno cidadão.

De acordo com Huizinga (1971), o jogo sempre está ligado a algo que não seja o próprio jogo, e que tem um significado e uma função significativa, e que possuem inúmeras hipóteses que tentam definir, explicar e objetivar a importância do jogo para a sociedade, para a cultura, sendo que se trata de um elemento que existe antes mesmo da própria cultura.

O Jogo utilizado de forma didática estimula a concentração do aluno, fazendo dessa forma que ele volte sua atenção a esse recurso, estimulando sua concentração e favorecendo a relação de confiança consigo e também com os colegas.

Cunha (2012), afirma que os jogos didáticos servem de auxílio em qualquer área de ensino, na construção do conhecimento, e sua utilização vem sendo comum principalmente na área das ciências e exatas. A autora ressalta ainda, que há diferença entre um jogo educativo e um jogo didático. O jogo educativo precisa manter o equilíbrio entre as funções educativas e lúdicas, já o didático precisa estar

diretamente ligado ao ensino de conteúdos, em geral é realizado em sala de aula ou até mesmo no laboratório. Mesmo sendo um jogo, não é uma atividade descomprometida, pelo contrário, precisa ter uma intenção e mais que isso, deve ocorrer sob a orientação do professor.

Huinzinga (1971), afirma ainda que o jogo é uma atividade voluntária, se assim não for, deixa de ser jogo, e torna-se uma evasão da vida real, insinuado como atividade temporária, como um intervalo da vida cotidiana, o jogo contribui de forma próspera para a socialização dos envolvidos, distinguindo-se da vida real, pois possui limitações, de tempo e espaço.

Cunha (2012), evidencia o enfoque construtivista que o jogo didático oferece, valorizando não só os acertos, mas os erros também, que se forem aproveitados pelo professor, podem servir de aprendizado, sendo que o erro, nesse caso está atrelado ao processo de aprendizagem, e utilizado como uma oportunidade na construção do conhecimento.

Para Kishimoto (1994), as atividades lúdicas que incluem o jogo podem ser de grande valia para o aluno, pois além de despertar seu interesse, o aproxima dos conteúdos ministrados em aulas anteriores. Dessa maneira, faz-se necessário que o professor busque incluir em seus planejamentos esse tipo de atividade lúdica para colaborar na construção de ensino e aprendizagem.

Para Miranda, Gonzaga e Costa (2016), quando o jogo didático está associado a conteúdos de difícil aprendizagem e/ou extensos, os benefícios obtidos são diferenciados.

De acordo com Cunha (2012), quanto melhor e mais coerente ocorrer a condução do jogo pelo professor, mais didático se tornará, com regras claras e com os objetivos bem delimitados, para que não se torne apenas um passatempo ou instrumento de diversão em sala de aula, mas que sejam bem definidas todas as ações empregadas antes, durante e após o jogo.

Para Kishimoto (1996), podemos classificar o jogo de duas maneiras: quanto a sua função educativa, que objetiva o ensino que o indivíduo desenvolva conhecimento, e a abordagem lúdica, quando o objetivo é divertir ou entreter e que o objetivo maior de utilizar jogos na educação é equilibrar as duas funções.

2.3 Saúde Sexual do(a) Adolescente

Saito, Silva e Leal (2008, p.27), evidenciam que os adolescentes possuem direitos personalíssimos garantidos pelo ECA, que lhes permitam absoluta proteção à vida, que seu desenvolvimento seja sadio e harmonioso e que devem ser ouvidos e sua opinião considerada no momento que decidir fatos que tenham sua vida íntima envolvida.

Para Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 32 e 33), a saúde e o direito sexual dos jovens e adolescentes despertam interesse para a pesquisa, por ser uma etapa da vida onde ocorre a estruturação da identidade e um ciclo tão decisivo de escolhas. É na escola, onde esse assunto será amplamente discutido e a saúde sexual deixa de ser uma discussão exclusivamente médica e ganha o âmbito pedagógico.

A adolescência é a fase de transição entre a infância e a adultícia, onde ocorre crescimento e desenvolvimento biopsicossocial, e ocorre de forma singular e marcada pelas mudanças na visão corporal e de sua imagem, tentativas de independência e até mesmo rebeldia e menor interesse por atividades familiares e o início da formação de grupos (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA, P.81).

No desenvolvimento do adolescente, vários fatores estão interligados, como Tiba (1994, p.94) chama de membrana interdigital, como se o adolescente fosse uma mão e cada dedo representasse uma função desse ser, e cada função fosse dependente uma da outra, como exemplo, um dos dedos representasse-o como estudante, o outro como filho, o outro como namorado, no outro um atleta de determinada modalidade; e, que se em uma das funções que ele desempenha for mal, influencia no todo, e à medida que vai se tornando adulto, essa membrana vai desaparecendo e os dedos vão tornando-se independentes.

De acordo com Saito, Silva e Leal (1998, p.117), a primeira escola de educação, inclusive sexual é a família, como o adolescente vê a vivência expressiva de sexualidade dos pais. Mesmo que ainda exista um receio entre os pais e também educadores, de que o falar sobre sexo, desperta no adolescente o desejo.

Segundo Vasconcelos (2002, p.21) o assunto sexo, passou a ser abordado mais abertamente e de forma mais frequente, diferente do que acontecia no passado, por intermédio das disciplinas de educação sexual nas escolas e principalmente pelas campanhas de prevenção à AIDS.

As IST's (Infecções sexualmente transmissíveis), terminologia utilizada pelo Ministério da Saúde desde 2016, quando deixaram de utilizar DST's (Doenças sexualmente transmissíveis), pelo fato de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem possuir sintomas ou sinais evidentes. Essas infecções podem ser causadas por vírus, bactérias e outros microrganismos, e são transmitidas principalmente pela via sexual, mas podem também ter sua transmissão de forma vertical, da mãe para o filho, seja durante a gestação, pelo parto ou amamentação.

Quando se trata do adolescente, grupo considerado vulnerável em relação às IST's, Saito *et al* (1998, p.454 e 455) destacam que o risco desse grupo adquirir uma IST aumenta de acordo com alguns comportamentos, principalmente quando as relações sexuais estão associadas ao uso de drogas lícitas ou ilícitas, quando a iniciação sexual ocorre de forma precoce ou quando há casos de violência.

A informação e o diálogo sobre sexo são imprescindíveis, principalmente por meio de prevenção de uma gravidez nesse período, que a OMS considera gravidez na adolescência aquela que ocorre até os 20 anos incompletos, pois o ter filhos nessa etapa da vida, para muitos adolescentes, é como se fosse uma expressão de poder, de liberdade, e de autonomia. Em relação à prática sexual adulta do cidadão-adolescente, Saito, Silva e Leal (2008, p. 477 e 478) apontam:

“Na prática, o bom senso não costuma orientar o comportamento do cidadão-adolescente. Como consequência, a família e a coletividade assumem os encargos das escolhas que não fizeram. Quando um indivíduo impõe, por suas escolhas, ônus a terceiros, é pertinente perguntar por que essa sua liberdade significa que não tomou parte no processo de escolha”.

Castro, Abramovay e Silva (2004, p.128), afirmam que uma gravidez nessa fase, além de afetar o curso da vida, seria também considerado um problema de saúde, por abortos espontâneos ou induzidos, mortalidade infantil e materna, ou seja, a gravidez precoce deve ser evitada, e que seja construído nesse adolescente alguns fatores, como a responsabilidade e o amadurecimento nessa transição para a fase adulta.

Para De Melo e Gomes (2019), ainda há um número crescente de adolescentes que iniciam sua vida sexual sem nenhuma base e conhecimento acerca do assunto. Dessa maneira sua vida sexual não ocorre de forma consciente e responsável o que acaba resultando numa gravidez indesejada, além de infecções sexualmente transmissíveis diversas.

Na concepção de Barbosa *et al* (2019), é notável uma lacuna no conhecimento mais amplo dos adolescentes sobre os diversos tipos de métodos contraceptivos e os variados tipos de IST's, o que acaba aumentando as chances de comportamentos sexuais de risco entre esses sujeitos.

2.4 Saúde e Sexualidade na Escola

Barbosa *et al* (2019), destacam a relação de intimidade que há entre a escola e a saúde e que essa integração precisa ocorrer, de maneira que professores e profissionais de saúde se unam para promover a educação e saúde dos adolescentes.

Guirado (1997), compara a sexualidade como um fantasma que ronda a sala de aula e a escola de maneira geral, que vêm deixando marcas de fracasso, e está na mira de estratégias de controle, não caminha sozinha, anda junto com outros temas como drogas e violência, consideradas questões cruciais para o ensino brasileiro.

Para EW *et al* (2017), mesmo em contextos sociais de grande vulnerabilidade, a escola pode ser um espaço protetivo para os adolescentes. Local ideal para a proposição de intervenções, além de ser um local de convivência, onde o conhecimento e os conceitos que colaboram com decisões referentes a seu cotidiano podem ser construídos, dessa maneira a escola torna-se um local ideal para a promoção de reflexão.

Sprinthall e Collins (2003, p.437), afirmam que o problema da sexualidade do adolescente pode ser encarado numa perspectiva desenvolvimentista, pois essas questões geram tanto conflito que torna mais fácil para os pais e a escola fecharem seus olhos e virarem as costas, ou responderem aos questionamentos dos adolescentes sobre esses assuntos de forma tão incompleta e superficial. Os autores ressaltam que o adulto teme que ao falar sobre sexo com adolescentes, estará incentivando-os, e se não falarem sobre isso o problema seja extinto.

Dantas (1997), destaca que o ensino para os adolescentes precisa ser transformador, subjetivando o conhecimento, tornando-o um caso pessoal, primeiramente através de um vínculo interpessoal entre professor e alunos, e a vinculação entre o conteúdo e o cotidiano do estudante.

Coll *et al* (2004 p. 352), destacam que os adolescentes começam a passar mais tempo com seu grupo, e isso os permite uma maior experiência em relações horizontais, também chamadas de igualitárias. Essa atitude pode fazer com que eles desejem ter esse tipo de relação também com seus familiares, ter maior poder de tomada de decisões, o que geralmente seus pais não permitem, pois querem continuar mantendo a autoridade ao se relacionar com seus filhos, numa relação vertical.

Para Barbosa *et al* (2019), a escola é um ambiente propício para reunir pais e profissionais de saúde com o intuito de contribuir com a construção da sexualidade do adolescente, para que possam vivê-la de forma responsável, saudável e satisfatória.

De acordo com EW *et al* (2017), trabalhar questões da sexualidade na escola é uma intervenção no campo da saúde pública de grande importância, pois além de informar o jovem, busca sensibilizá-lo para questões de IST's e gravidez não planejada, pois convida o adolescente ao diálogo, promovendo dessa maneira autonomia e responsabilidade no cuidado com seu próprio corpo e com o corpo do outro.

Para Tobase e Takahashi (2003), cabe ao educador repensar sua postura, romper algumas barreiras e também alguns paradigmas. Buscar novos métodos e formas de ensinar, através da reflexão de sua prática de ensino, desafiar a si próprio. E para isso é necessário que o professor esteja entusiasmado, que seja otimista, que creia nas infinitas possibilidades de seu aluno, e que sua atitude em sala seja provocadora e ao mesmo tempo estimulante. Alguns alunos necessitam de formas diferenciadas na explicação de conteúdos, que vão além de comparações e analogias, e quando a explicação utiliza algo concreto ou visível facilita a compreensão e conseqüentemente, a aprendizagem.

Meyer (2006), ressalta que a sexualidade a ser trabalhada nas escolas, deve ocorrer da forma correta, não somente a biologia do sexo, mas também no aspecto social, em que a sexualidade é inserida. Devem ser incluídos assuntos como preconceitos, desigualdades, as mudanças de comportamento que devem ocorrer, além de destacar aspectos positivos e negativos do sexo.

As mudanças da adolescência atingem também o ambiente escolar, pois na educação básica o professor geralmente busca exercer uma disciplina mais rigorosa e o currículo está muito estruturado, oferecendo poucas possibilidades para que os adolescentes tomem suas próprias decisões em relação à aprendizagem. Os adolescentes vivem uma fase onde há uma necessidade de tomada de decisões, a

escolha de seus assuntos de interesse e o fato de não poder, pode desencadear efeitos negativos na motivação escolar (COLL, MARCHESI, PALACIOS, 2004 p.366).

Para (Suplicy *et al.*, 2000), informar apenas, não é suficiente, é necessário abrir espaços para discussões, em grupo, e que os mesmos sejam acompanhados por um adulto esclarecido, que os auxiliem em vários aspectos, inclusive na adoção de comportamentos preventivos. Os autores destacam ainda, que a desinformação e a ignorância em relação à sexualidade, comprometem a capacidade de o adolescente poder ter uma vida sexual harmoniosa, além de colocá-lo em situações de risco, através de experiências sexuais desprotegidas.

De acordo com Resende e Beirante (2018), trabalhar sexualidade dos adolescentes e jovens vai além de uma simples exposição de questões relacionadas com sexualidade, requer a disponibilidade dos afetos por parte dos educadores, para que assim consiga ter uma relação de proximidade e consentimento por parte dos educandos.

De acordo com Meyer (2006), o sistema de saúde público brasileiro não atende as necessidades básicas da população, e gravidez precoce e a AIDS foram caracterizadas como fenômenos epidêmicos, principalmente porque os adolescentes brasileiros estão tendo sua iniciação sexual cada vez mais cedo; sendo assim, faz-se necessário a adoção de medidas de prevenção. A autora destaca ainda que a educação é uma estratégia que tem sido bastante utilizada na prevenção de várias doenças ligadas às atividades sexuais.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) a sexualidade é entendida como algo inerente, manifesta-se desde o momento em que uma pessoa nasce, até sua morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída encontra-se atrelada à cultura e à ciência, assim como pelos afetos e sentimentos expressando-se então pela especificidade em cada sujeito.

Para a BNCC, espera-se que os alunos desenvolvam algumas habilidades no aspecto reprodutivo, que consigam perceber as transformações que ocorrem e a importância da atuação hormonal. Que conheçam e aprendam a comparar os diversos tipos de contraceptivos, tendo em vista sua responsabilidade na escolha e na utilização dos métodos não somente na prevenção da gravidez precoce indesejada e como forma de prevenção de doenças e infecções sexualmente transmissíveis.

Para De Oliveira *et al* (2019), estratégias devem ser desenvolvidas para que aproximem adolescentes e educadores para que juntos possam construir espaços educativos; Para que possam participar ativamente por meio de questionamentos e reflexões e que consigam subsídios que promovam mudanças de atitudes e práticas no contexto da vida real. Tendo em vista as necessidades acima expostas, esta pesquisa teve o objetivo de testar uma Sequência Didática Interativa, em uma escola de Cuiabá, Mato Grosso.

Capítulo 3- Metodologia

3.1 Percurso Metodológico

A pesquisa é qualitativa, com elementos de Pesquisa-ação, que na opinião de Thiollent e Colette (2013), estabelecem condições que geram conhecimento de diversas maneiras, social, educacional, e até mesmo comunicacional, entre outras. E nesse tipo de abordagem, os sujeitos da pesquisa estão no centro das atenções e uma das áreas que mais utiliza pesquisa-ação é justamente a de educação e saúde.

A pesquisa-ação é uma forma de buscar melhorias, de intensificar a pesquisa como afirma TRIPP (2005, p.262)

É importante não encarar a pesquisa-ação como uma estratégia totalmente nova para fazer algo inteiramente diferente, mas como mais um recurso para turbinar, acelerar nosso modo habitual de aprender com a experiência. Gosto dessa metáfora porque todos nós aprendemos com a experiência, de modo que se trata de fazer algo que vem naturalmente [...] mas a pesquisa-ação é um modo de fazê-lo melhor.

Segundo Baldissera (2001), a pesquisa-ação por ser considerada investigativa, contém alguns procedimentos que objetivam transformar a realidade pela ação coletiva, pois os envolvidos nessa pesquisa socializam experiências, ou seja, há nesse método a partilha de conhecimentos e conseguem se enxergar no processo onde estão inseridos e conseguem ver a significação dos problemas enfrentados.

A pesquisa-ação não é apenas uma metodologia, ela surgiu de uma lacuna entre a teoria e a prática, com o poder de intervir de forma inovadora no decorrer do processo, organizando toda a investigação e avaliação de uma ação anteriormente planejada (TANAJURA e BEZERRA 2015).

Pensando em uma ação inovadora, foi criada uma sequência didática, composta por várias atividades, contendo questionamentos, discussões, pesquisas, procedimentos e ações que os alunos executam com a mediação do professor. Para Coll *et. al.* (2004 p. 201), uma concepção mais centrada no estudante, entendendo o ensino como algo que desperte o interesse dos alunos e que eles consigam desenvolver um pensamento crítico e independente, e que dessa forma sua aprendizagem aconteça de forma profunda e não superficial.

As atividades que fazem parte da sequência são ordenadas de maneira a aprofundar o tema que está sendo estudado e são variadas em termos de estratégia: leituras, aula expositiva, aula dialogada, vídeos entre outros recursos visuais, jogos de perguntas e respostas, entre outras.

A pesquisa é desenvolvida em uma escola estadual localizada na cidade de Cuiabá, Mato Grosso. Uma escola que apesar de ser bem localizada, possui alunos com diversos problemas de origem sociais. Os sujeitos da pesquisa são 20 alunos de uma turma de oitavo ano do ensino fundamental II, escolhida pelo fato de ter uma aluna que engravidou no sétimo ano, quando acabava de completar 14 anos e frequentava as aulas acompanhadas de sua filha bebê, pois não tinha com quem deixar sua filha para poder ir para a escola, e essa aluna acabou não participando da pesquisa.

Essa escola foi escolhida pelo fato da pesquisadora ser lotada nessa Unidade de ensino fundamental. Todos os envolvidos na pesquisa são menores de idade, portanto fez-se necessário o encaminhamento do Termo de Assentimento Livre Esclarecido para que os pais dos respectivos alunos assinassem o Termo de Responsabilidade (Conforme Apêndice 1)

Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semi-estruturada (Minayo, 2008), uma avaliação somativa (a escola adota avaliações parciais e a avaliação somativa, foi utilizada como parte da produção dos alunos no bimestre), complemento de frase, observações (direta e participante) e um questionário. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada no início, antes da aplicação da sequência didática e o questionário após a validação do produto. Segundo Yin (2010, p.145), o pesquisador deve utilizar de várias técnicas de coleta de dados, para que esse estudo possa usar várias fontes de evidência.

3.2 Uma Sequência Didática Interativa em forma de Guia Didático

Diante do cenário atual da Educação em saúde no aspecto reprodutivo e da sexualidade do adolescente, é notória a necessidade de criar ferramentas que possam contribuir com a educação básica e a práxis pedagógica de professores de ciências. O produto educacional foi um guia didático com seis momentos, que aborda de forma contextualizada a temática sexualidade.



Figura 1: Guia didático.
Fonte: Acervo das autoras-2019

No início de cada aula, foi realizada uma explicação sobre o tema a ser abordado, depois iniciavam-se as discussões, reflexões, verbalizações acerca das experiências e/ou dúvidas que fossem surgindo.

Como a professora responsável pelo projeto é a professora regente da turma, ficou decidido que as atividades propostas avaliativas na sequência didática iriam compor os pontos produtivos (5,0 pontos), a avaliação somativa (3,0 pontos) e o simulado geral aplicado no final do bimestre no valor de (2,0 pontos), totalizando 10,0 pontos.

Para melhor compreensão dos procedimentos e aplicação das aulas desenvolvidas a metodologia está discriminada na sequência didática abaixo.

➤ **Momento 1- Levantamento dos conhecimentos prévios**

Nessa primeira etapa foi realizado o levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes em relação à Puberdade e suas transformações, se conseguem enxergar os hormônios como parte fundamental desse processo e a concepção sobre cada órgão e suas respectivas funções.

➤ **Momento 2- Meu amigo quer saber**

Nessa aula, os alunos sentaram-se em círculo, foram distribuídas várias tiras de papel para que cada um pudesse escrever suas dúvidas sem identificar-se para não criar constrangimentos. Alguns alunos preferiram não escrever, outros disseram não ter dúvidas, porém a maioria participou, e ao responder cada pergunta, fomos discutindo os temas abordados cada um pôde emitir sua opinião acerca dos assuntos mencionados. Após esse momento com a utilização dos recursos de mídia e do livro didático foi trabalhada a importância de cada órgão dos sistemas feminino e masculino.

➤ **Momento 3- Pesquisa, Produção de Texto e Roda de Conversa**

Na aula anterior foi sugerido aos alunos que fizessem pesquisas sobre temas variados do assunto sexualidade e que produzisse um texto e trouxessem para discussão na aula seguinte.

A maioria trouxe os textos, foi feita uma roda de conversa e foram discutidos. Entre os temas estavam gravidez precoce, aborto e violência sexual contra crianças e adolescentes.

➤ **Momento 4- Mito ou Verdade**

Utilizando recursos de mídia foram trabalhados os seguintes assuntos: Métodos contraceptivos e IST's, logo após foram lidas 13 frases para que os estudantes analisassem se Mito ou Verdade, sendo discutidos posteriormente cada resultado. Propiciando um espaço para reflexão entre os estudantes sobre seu comportamento sexual, sobre suas crenças e também seus valores. No terceiro momento foi entregue uma folha para que eles complementassem cada frase.

➤ **Momento 5- Documentário**

Nessa aula foi passado um documentário “Tudo sobre gravidez” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c1BUwpGqcq8>, abordando o desenvolvimento embriológico, desde o momento da fecundação, passando fase por fase, até o momento do parto. Logo após assistirem o documentário, foi entregue uma avaliação somativa, como parte componente da nota final bimestral, e foi pedido que caracterizassem uma situação de Gravidez na Adolescência por meio de um desenho criado na folha atrás da avaliação somativa.

➤ **Momento 6- Jogo Roleta da Sexualidade**

Nessa aula os alunos foram divididos em 7 grupos, e cada aluno recebeu um número de 1 a 7, uma cor e foram sorteados 7 temas, relacionados aos assuntos trabalhados na sequência didática, foram eles: Puberdade e Adolescência, Aparelho reprodutor masculino, Aparelho reprodutor feminino, IST's, Métodos contraceptivos, Desenvolvimento Embriológico e Gravidez.

Capítulo 4- Resultados e Discussões

No presente capítulo, discutimos e registramos os dados com a aplicação das etapas propostas na SDI junto aos 20 (vinte) estudantes do oitavo ano do ensino fundamental, de uma escola pública no município de Cuiabá-MT. Ao todo foram utilizadas seis Momentos e variando entre uma e duas aulas para a efetivação desta sequência, como descrito na metodologia.

A SDI presume justamente a interação entre professor e estudantes na tentativa de perceber os conhecimentos prévios e na aproximação com a leitura científica do tema proposto. Este momento foi realizado em uma aula de 50 minutos, dividido em três etapas, descritas a seguir:

O tema sexualidade foi apresentado de forma leve, muitas vezes utilizando a ludicidade com o objetivo de tornar as discussões mais agradáveis, explorando a dimensão afetiva, tentando sensibilizar os sujeitos envolvidos no processo de prevenção.

Foi entregue o Questionário inicial para os 20(vinte) estudantes, sendo 11 meninas e 9 meninos.

Conversa sobre sexo com os Pais

O tema sexualidade é um assunto pouco falado entre os adolescentes e seus pais, que em sua maioria não abre espaço para esse tipo de diálogo, isso demonstra um distanciamento entre pais e filhos como podemos analisar. Quando questionados se já conversaram sobre sexo com seus pais, dos 20 alunos questionados, 13 deles disseram nunca terem conversado sobre esse assunto com seus pais e 7 deles disseram que já haviam conversado.

Witter e Guimarães (2008), associam essa escassez de conversa a respeito do tema sexualidade com a baixa escolaridade de muitos pais, falta de preparo ou curso que os orientem a cuidar de um adolescente, principalmente em relação à sexualidade. Os autores ainda sugerem a necessidade de implantação de programas com palestras e estudos voltados aos pais.

Quando questionados se consideram importante esse diálogo com os pais, dos 20 sujeitos participantes da pesquisa, 15 responderam que sim, é importante falar com os pais sobre esse tema e apenas 5 disseram que não.

Para Nery *et al* (2015), muitos pais possuem dificuldades em saber “o que” abordar quando falar sobre sexualidade com seus filhos, sendo que alguns pais ainda mantém o pensamento que essa conversa só passa a ser necessária a partir do momento que o filho(a) encontra um(a) parceiro(a); Os autores afirmam ainda que a preferência dos pais é abordar o assunto com o filho do mesmo sexo, e que muitas vezes os pais sentem-se desatualizados e que seus discursos estejam atrasados para o cenário atual, e que na maioria das vezes esse assunto foi negligenciado em sua adolescência.

E quando questionados o porquê ser tão difícil falar com os pais sobre esse assunto, os 7 estudantes que responderam que já falaram sobre isso com seus pais, disseram não achar difícil falar sobre isso com os pais. Já os 13 que afirmaram não conversar com os pais sobre sexo, os estudantes **E14** e **E17** afirmaram que ainda não acham ser o momento para falar sobre isso. O estudante **E18** disse que os pais podem pensar estar incentivando-o a ter relações sexuais se falar sobre o assunto. O estudante **E7**

disse conversar sobre isso com seus amigos, pois acha muito pessoal conversar sobre o assunto com seus pais; e 9 estudantes afirmaram que se sentem envergonhados em falar sobre sexo com seus pais.

Costa *et al* (2014), afirmam que o sentimento de vergonha predomina entre os pais da maioria dos adolescentes, e esse fato pode reduzir as possibilidades de esclarecimentos de dúvidas e criar um distanciamento familiar. Alguns pais não se sentem aptos a tratar esse assunto, pois também não receberam informações suficientes. Dessa maneira muitas famílias falham ao prestar esclarecimentos, ou resumem as orientações de certa forma que passa a não ser compreendida pelo adolescente, tornando-se ineficaz.

Para De Almeida e Centa (2009), apesar da comunicação da família com os filhos adolescentes ser, na maioria das vezes, difícil e conflituosa, deve ser estimulada, pois é nessa fase que os adolescentes mais precisam de informações e de respostas para suas dúvidas e se isso não ocorre, irão procurar os amigos para sanar suas dúvidas.

Barbosa e Da Costa (2008), concordam que a maioria dos pais tem interesse em conversar com seus filhos sobre o tema sexualidade, nem todos fazem, pelas dificuldades que encontram no diálogo com seus filhos. Geralmente, as conversas são superficiais, realizando exemplos de pessoas conhecidas que já passaram por alguma situação complicada e relacionada ao tema.

Quando questionados com quem teriam mais liberdade para conversar sobre questões sexuais, havia 3 opções: Com minha mãe () Com meu pai () Não falo sobre sexo com meus pais ().

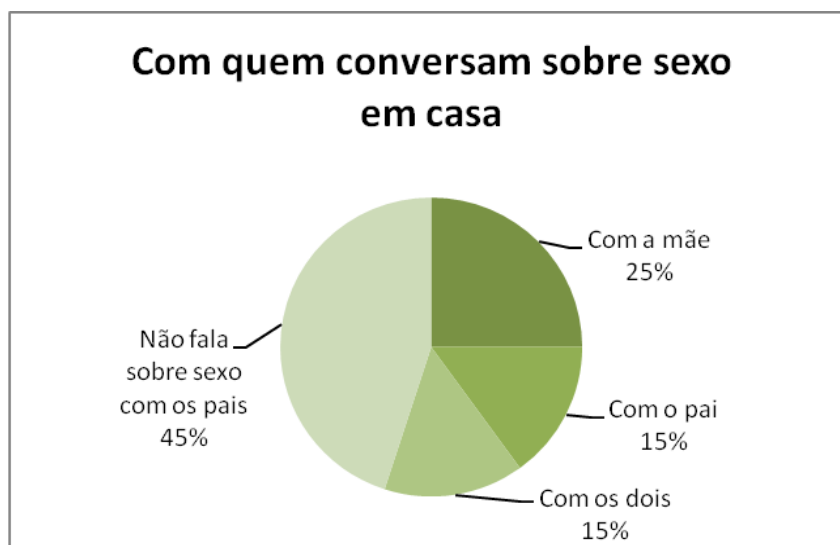


Figura 02: Representação com quem conversam sobre sexo em casa

Dos entrevistados 9 disseram não falar sobre esse assunto com seus pais, como pode-se observar, a maioria dos entrevistados não falam sobre sexualidade com seus pais. A educação sexual deve ter início na família, já nos primeiros anos de idade, três sujeitos disseram que conversam tanto com o pai, quanto com a mãe, cinco disseram conversar apenas com a mãe e três apenas com o pai.

Para Savegnago e Arpini (2016a), O diálogo sobre sexualidade é algo que deveria ir além da simples transmissão de informações, exige que os pais ultrapassem várias barreiras, para tentar se aproximar de seus filhos, trocando experiências nessa fase tão especial que é a adolescência.

Wagner et. al (2002), afirmam que apesar dos pais na atualidade estarem desempenhando suas funções paternas com maior qualidade, o pai ainda ocupa um lugar periférico na vida do adolescente, quando se trata de questões mais pessoais ou íntimas.

Foram questionados sobre o porquê de ser tão difícil falar sobre sexo com os pais, podendo assinalar mais de uma alternativa:

Alternativas	Alunos que assinalaram
Não acho difícil, falo abertamente sobre sexo com eles	8
Porque eu tenho vergonha	7
Porque meus pais têm vergonha	0
Porque meus pais vão achar que não sou mais virgem	2
Porque meus pais acham que estão me incentivando a ter relações sexuais se falarem deste assunto	1
Outra causa, exemplifique	2

Tabela 1: o porquê é tão difícil falar sobre sexo com os pais

O estudante **E7** declarou: *“...gosto mais de conversar sobre esse assunto com meus amigos, mas nem gosto de tocar no assunto, pois acho muito pessoal...”* Dessa maneira os adolescentes procuram tirar suas dúvidas com seus amigos, geralmente da mesma idade e com a mesma inexperiência, o que acaba tornando perigoso.

Os adolescentes conversam mais sobre sexo com seus pares, apenas alguns assuntos são tratados com os pais. Geralmente procuram amigos (as), na maioria da mesma idade para conversar, tirar suas dúvidas, e até mesmo contar suas experiências sexuais. A sexualidade é concebida pelos adolescentes como algo particular a cada pessoa e é preferível falar sobre esse assunto no ciclo de amigos, pela facilidade de comunicação e não na família por se tratar de um ambiente repressor. (SILVA, SILVA, ALVES, 2004).

O que podemos observar é que a maioria dos estudantes está despreparada para a iniciação sexual, pois muitos recorrem aos seus pares para o esclarecimento de suas dúvidas, sentem-se envergonhados para tratar desse tema com seus pais ou familiares.

A estudante **E17** marcou a última opção e disse: *“... Na minha opinião, eles acham que ainda não está na hora de falar desse assunto comigo...”*. E dessa maneira o diálogo não acontece ou demora muito para acontecer, pois os pais ficam esperando seus

filhos chegarem e perguntarem sobre o assunto e seus filhos esperam da mesma forma, que seus pais toquem no assunto e iniciem um diálogo a respeito.

Vilelas Janeiro (2008) afirma que muitas vezes os pais deixam de falar com seus filhos sobre sexualidade por não se sentirem à vontade, ou por não terem informações apropriadas. Por pensarem que falando com eles a esse respeito irão promover o início de sua vida sexual antes do tempo e reconhecem que a escola possui um papel importante ao sistematizar esse tipo conhecimento.

Segundo Savegnago e Aprini (2016b) esse diálogo entre os adolescentes e seus pais não é nada fácil, pois vai além de falar e ouvir, pois o adolescente pode confundir a fala dos pais como cobranças ou pressões.

Dessa maneira é necessário abrir espaços para reflexões e discussões acerca desse assunto no ambiente escolar, durante as aulas. Para Coelho (2007) esse espaço que se abre para a troca de experiências, emissão de opiniões, além de criar uma interação em grupo, valoriza os saberes dos sujeitos envolvidos.

O uso de camisinha

Um aspecto que julgamos importante é em relação à função do preservativo na relação sexual, principalmente como única maneira de evitar as IST's. Quando questionados se sabiam a função do preservativo ou camisinha, três respostas foram dadas, como mostra a Figura 3:

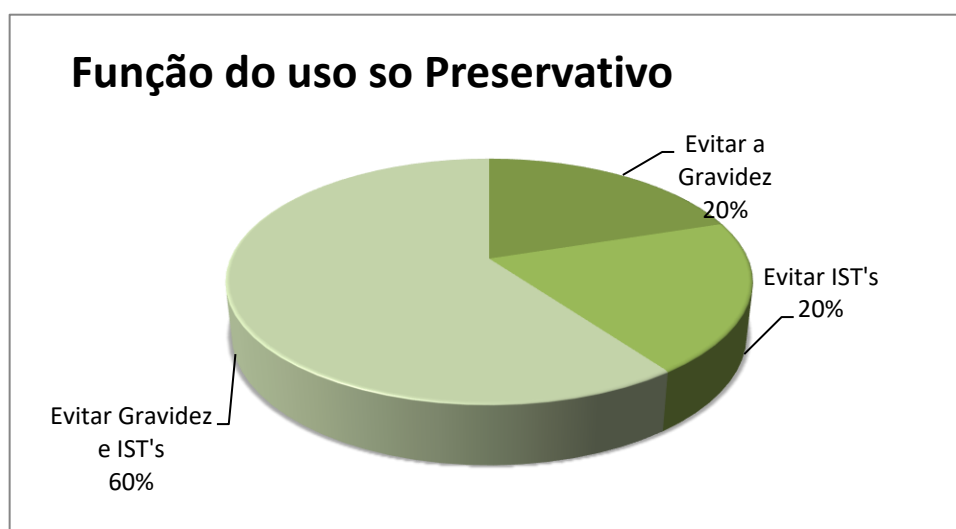


Figura 03: Representação sobre a função do preservativo

Os adolescentes participantes sabem o que é a camisinha e 12 sujeitos conseguem perceber a camisinha como um auxílio na prevenção tanto de gravidez quanto de IST.

Conhecer sobre os métodos contraceptivos, os riscos e as consequências da relação sexual sem proteção é fundamental para que o adolescente possa vivenciar sua sexualidade de forma saudável e segura, evitando a gravidez precoce e as doenças relacionadas ao sexo, inclusive AIDS, além de possibilitar ao adolescente, que possa exercer sua sexualidade sem visar a reprodução (MADUREIRA, MARQUES, JARDIM, 2010 p.101).

De acordo com Chaves *et al* (2014) houve mudança no perfil sobre a epidemia de AIDS nos últimos anos e novos grupos são considerados vulneráveis, e os adolescentes estão entre eles, pois pesquisas apontam aumento considerável dos casos entre adolescentes e jovens, além de outras infecções sexualmente transmissíveis que estão com maior incidência do que em outras faixas etárias.

Alves e Lopes (2008) destacam que apesar de várias campanhas de conscientização serem feitas, os adolescentes ainda substituem o preservativo ou até mesmo o abandonam, mesmo conhecendo os riscos para o futuro ou até mesmo para sua vida, resolvem se expor. Desta maneira as autoras enfatizam que não basta apenas dar-lhes informações, é necessário aprofundar mais sobre o que esse grupo pensa e onde se encontram as maiores lacunas existentes entre o que sabem e o que praticam.

As consequências da gravidez precoce para os adolescentes

Sabemos que a gravidez que ocorre na adolescência tem um peso muito forte principalmente na vida da mãe adolescente, tanto nos aspectos físicos e psicológicos, mas também social e até mesmo em relação às perspectivas para seu futuro.

Quando questionados sobre as consequências desse acontecimento nessa fase da vida, a estudante **E16** declarou: *“...a pessoa iria ter que abandonar a escola por um tempo, além de passar seu tempo com o bebê, ao invés de passar com amigos, aproveitando sua adolescência...”*.

Já o estudante **E9**, disse: *“... Ah, ia ser ruim, ia atrapalhar meus estudos...”*. A estudante **E1** respondeu: *“...Ela não vai poder mais estudar, não vai ser livre, sempre*

vai ter responsabilidade, não vai mais seguir seus sonhos porque tem que cuidar do filho...”.

Para Pantoja (2003), a adolescente grávida, tende a ficar mais retraída e afastar-se dos grupos de convívio e ficar mais silenciosa, pelo menos no início da gravidez, muitas utilizam a tática de se “encobrirem”, utilizando roupas maiores ou até mesmo apoiando bolsa ou caderno sobre sua barriga. Outro fator é em relação à permanência na escola ou a continuidade dos estudos, que depende dos planos para o futuro que a adolescente grávida venha a ter.

Podemos observar que a opção largar os estudos acaba sendo citada várias vezes, seja pelo constrangimento de frequentar a escola grávida, com as mudanças físicas acontecendo, os olhares discriminatórios de colegas, ou até mesmo pela dificuldade de frequentar a escola tendo que trabalhar para dar sustento a esse novo ser. A estudante E19 disse que *“...Abandonar os estudos, trabalhar cedo demais e algumas meninas não sobrevivem ao parto...”*, e o aluno E10 respondeu *“...Como eu não sei, mas as coisas não seriam fáceis, ia ser horrível largar os estudos e ter que trabalhar para sustentar seu filho e é muito ruim...”*.

De acordo com Beretta *et al* (2011), a adolescência é a fase da vida que a situação predominante é de desequilíbrio, crise e mudanças e que uma gravidez nessa fase, pode assumir uma dimensão muito maior, levando a adolescente grávida a um sofrimento de cunho social e que isso ocorre mesmo que não ocorra de forma indesejada, ou seja, que a adolescente tenha desejado engravidar.

Diálogo sobre sexualidade em sala de aula

Quando questionados se consideram importante o diálogo em sala de aula sobre sexualidade, 7 estudantes disseram não considerar importante e 13 disseram que sim, é importante esse diálogo em sala de aula.

Tratar o tema sexualidade em sala de aula juntamente com a educação formal é trazida como orientação nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Portanto, a sexualidade é tratada como questão social que além de ser trabalhada na família, deve também ir para o ambiente escolar, porém que se respeite as crenças, valores e costumes próprios de cada cultura.

De Almeida e Centa (2009), ressaltam que todas as instituições que atendem adolescentes devem incluir a família nas ações propostas, e que todos se empenhem para que os adolescentes possam exercer seus direitos sexuais, que se respeitem e respeitem uns aos outros.

O educador precisa acolher seus alunos, motivá-los a perguntar e tirar suas dúvidas e anseios, deve também organizar os conhecimentos sobre sexualidade para conseguir auxiliá-los, pois nesse momento eles buscam incessantemente viver suas experiências de emoção e amor (Figueiró, 2009).

O professor deve propor reflexões, questionamentos produtivos, que desafiam seus alunos, ao invés de dar respostas prontas, para que eles consigam fundamentar seus questionamentos e construir suas respostas, e nesses espaços para discussões devemos fugir de preconceitos e práticas excludentes, para que todos sejam aceitos e se abram para as discussões sem receios.

Schroeder, Ferrari e Maestrelli (2010), percebem a escola como um espaço privilegiado para ocorrer a orientação sexual, via conhecimento científico, com objetivos de fortalecer a autoestima, o cuidado com o corpo, tolerância às diversidades, além do respeito e exercício da sexualidade de maneira responsável e consciente. Os autores destacam também que o conhecimento científico é um instrumento de transformação e que nessa perspectiva o professor de ciências é fundamental para promover, facilitar e guiar o desenvolvimento cultural de seus alunos e conseqüentemente promover a construção do conhecimento.

De acordo com Figueiró (2009), ao trabalhar esses temas, o professor deve considerar as opiniões e concepções que os estudantes trazem consigo, por modelos e valores vindos dos pais ou de pessoas próximas, de seu convívio. A sala de aula torna-se um ambiente favorável à essas discussões e diálogos, oportunizando o estudante a questionar e analisar situações, além de rever ideias de senso comum e dessa forma poder construir conhecimento científico.

Para Coelho (2007) a roda de conversa é um método para se trabalhar coletivamente que cria espaços para diálogo, em que os sujeitos podem se expressar, escutar uns aos outros e esse recurso tem como objetivo estimular a construção da autonomia por meio da problematização, da troca de informações e da reflexão para a ação, além da troca de experiências e divulgação do conhecimento.

Alves e Brandão (2009), observaram que além do adolescente ter pouco diálogo sobre sexualidade com seus pais, há também uma falha no ambiente escolar, pois as iniciativas são precárias quando se trata de sexualidade, gênero e saúde reprodutiva, além de faltar espaços para essas discussões e acolhimento nas unidades de saúde. As autoras ressaltam também que é necessário romper com algumas barreiras para que esse tema seja trabalhado de forma menos preconceituosa, que essa iniciação sexual dos adolescentes possa acontecer com menos reprovação moral.

A educação de hoje certamente não é a mesma dos séculos anteriores, mas encontra-se envolvida em rupturas e mudanças. O tema Orientação Sexual na escola, na transversalidade, perpassa hoje como um campo problemático, uma vez que há a necessidade de transpor fronteiras do saber em disciplinas científicas. Assim, há o desafio de ultrapassar barreiras que envolvam crenças, informações da mídia, valores familiares, discursos e procedimentos pedagógicos, entre outros (Figueiró, 2009).

Complemento de Frases

No momento 4, aprofundamos na análise de complementos de frase. Um instrumento utilizado na pesquisa, que tem como objetivo aproximar o pesquisador de seus sujeitos, por uma percepção subjetiva. Ocorre por meio de questões individuais acerca de sua sexualidade, questões familiares, seus medos e seus sentimentos. Discutiremos a percepção de três sujeitos: **E1**, **E16** e **E10**.

Para González Rey (2001), a sala de aula não é um lugar para ensinar ou aprender e somente é lugar de significação, de trocas de experiências e nesse ambiente, novos significados são gerados e esses são inseparáveis das pessoas envolvidas. O autor enfatiza que a educação não tem como objetivo efetivar um saber na pessoa, mas que ela se desenvolva como sujeito atuante no seu próprio processo de aprendizagem em seu cotidiano. O autor chama de subjetividade social, pois os envolvidos na pesquisa produzem sentidos e significados e cada um vive em diferentes espaços sociais.

Tratando do assunto sexualidade, cada aluno, sujeito da pesquisa, possui valores, crenças e opiniões diferentes, pois cada um vem uma família, com hábitos diferentes. Para muitas famílias é comum falar sobre sexo com seus filhos, de uma forma franca e aberta, outras ainda pensam não ser necessário abordar esse assunto já que seria a escola a responsável por isso, por se tratar de educação sexual, conforme os Quadros de 1 a 3.

QUADRO 1. Complemento de Frase da estudante E1

Sexualidade é “...Ela é para tudo, gravidez, puberdade, hormônio, órgãos sexuais, preservativos...Tudo que é estudado nas aulas, relações sexuais, os assuntos que meus pais falam, etc...”

Tenho medo “...de engravidar, ter que largar tudo, pegar uma doença e morrer...”

Me sinto bem quando “...me abro com minha mãe sobre alguém que eu gosto, sobre meu corpo, me abro com ela sobre o que eu penso sobre meninos...”

Falar de sexo na escola “...Eu acho super importante para aprender o que ocorre, as doenças, o que devo fazer e etc...”

Falar de sexo com “...meus pais, eles são bem abertos para perguntas desse tipo...”

Ter um filho na adolescência “...Isso é meu maior pesadelo, teria que largar os meus sonhos e ir trabalhar para sustentar meu filho...”

Prevenir é “... Me cuidar, quando for mais velha, me prevenir contra doenças e gravidez...”

O papel do professor “...é orientar, ensinar, mostrar os órgãos, o que ocorre e etc...”

Pela fala da aluna **E1**, sexualidade é um termo bem amplo, que não envolve apenas a reprodução, e sim todos os fatores envolvidos com as transformações que ocorrem nessa fase da vida; Na opinião de Marola *et al* (2011) o tema sexualidade deve ser apresentado em sua real amplitude à todos, aos adolescentes, aos seus pais e professores, para que dessa maneira, possam ter o desenvolvimento da vida sexual de forma saudável e consciente.

Para Fiorini e De Almeida Dátilo (2015), sexualidade no conceito atual possui uma nova concepção que vai além da relação sexual e abrange várias dimensões, dentre elas a subjetividade humana e que muitas vezes foi um tema transformado em tabu.

Pelas observações realizadas durante a pesquisa, pode-se observar que as meninas se sentem mais à vontade para falar sobre sexualidade com suas respectivas mães, como o caso da estudante citada que diz possuir abertura para discutir sobre sexualidade com sua mãe. Segundo Wagner *et. al* (2002), que a grande maioria dos adolescentes conversam muito com suas mães, por ter melhor possibilidade de

compreensão e entendimento. A estudante destaca ainda sobre falar de sexo na escola, o quanto é importante aprender o que ocorre e o que deve fazer. Saito e Leal (2000), enfatizam que a escola possui como meta formar, que vai além de simplesmente informar, e destaca-se como grupo de referência nessa função e a orientação sexual torna-se legal nesse espaço pedagógico. A escola torna-se um ambiente propício para essas reflexões, desde que aconteça livre de preconceitos e tabus e permita que os adolescentes se expressem.

De Holanda et. al (2010), destacam a importância da escola, indicada pelas autoridades educacionais, por especialistas e pela sociedade em geral, como campo fértil para a orientação sexual, e que essa prática está voltada ao modelo tradicional da biologia, ou seja, associado às disciplinas de ciências e biologia, e que o professor precisa ter habilidade, sensibilidade e estar sempre atualizado para exercer essa função.

Quadro 2. Complemento de Frase da Estudante E16

Sexualidade é “...que a mulher tem uma sexualidade diferente dos homens, isso nós reparamos nas características e diferenças uns dos outros...”

Tenho medo “...de fazer sexo...”

Me sinto bem quando “...respeitam o meu tempo...”

Falar de sexo na escola “...as vezes é constrangedor, mas serve para você aprender como se prevenir, como acontece as coisas dentro da gente...”

Falar de sexo com “...minha mãe, porque com ela me sinto a vontade...”

Ter um filho na adolescência “...iria ser muito difícil, porque as pessoas não iriam te olhar da mesma forma, e os planos para o futuro seriam interrompidos...”

Prevenir é “...saber o que está fazendo e usar camisinha...”

O papel do professor “...é ensinar e orientar...”

A sujeita **E16** disse que seria difícil ter um filho na adolescência devido aos olhares como ressalta Moreira et al (2007), que a adolescente grávida passa a olhar e ser olhada de maneira diferente, pois é um período marcado por mudanças na identidade, já é um período complexo, de inúmeras transições e quando ocorre na adolescência revela-se ainda mais complicado. A gravidez nessa etapa da vida significa uma

passagem rápida de filha para mãe, e essa mulher, ainda em formação, vive uma fase conflituosa, pois em sua grande maioria está despreparada de várias maneiras, físicas, sociais, psicológica e economicamente, fazendo com que muitas adolescentes não aguentem a pressão, fujam de casa e abandonem os estudos.

A estudante **E16** diz que se sente à vontade ao falar de sexo com a mãe, porém na escola sente-se constrangida. Altmann (2003) que o tema educação sexual ou até mesmo orientação sexual a ser trabalhado nas escolas é justificado pelo número crescente de “gravidez indesejada” entre adolescentes e pela disseminação de casos de HIV, dessa forma é o ambiente ideal e privilegiado para intervenções sobre a conduta sexual dos estudantes.

Vilelas Janeiro (2008) diz que os primeiros educadores sexuais são os pais, pois cabem à eles a maior responsabilidade na formação dos filhos, além de servirem como modelo na construção sexual do filho, e que alguns pais não se sentem à vontade para falar sobre sexualidade com seus filhos.

A aluna **E16** diz sentir medo de fazer sexo, segundo Amaral e Da Fonseca (2006) as meninas iniciam mais tarde a vida sexual, pois são as que apresentam mais medo em relação à gravidez e as doenças ligadas ao sexo, e também temem pelos comentários gerados e responsabilização pelo ato sexual. Como medos comuns, as autoras destacam ainda o medo da reação dos pais e da sensação de dor na hora da relação.

Quadro 3. Complemento de Frase da Estudante E10

Sexualidade é “...*Masculino e Feminino...*”

Tenho medo “...*de ter filho cedo...*”

Me sinto bem quando “...*falo de sexo com meus amigos...*”

Falar de sexo na escola “...*é muito bom, a gente aprende o que é seguro para nós...*”

Falar de sexo com “...*meus pais é estranho...*”

Ter um filho na adolescência “...*é ruim porque abandona os estudos, não é legal para o nosso futuro e sofremos com as conseqüências...*”

Prevenir é “...*bom para não pegar doenças...*”

O papel do professor “...*é mostrar pra nós o que é seguro...*”

O estudante **E10** ressalta o medo de ter filho cedo, para Mota de Carvalho *et al* (2009), as ações de conceber e criar os filhos são experiências culturalmente atribuídas às mulheres, como se a participação, os desejos e os sentimentos masculinos fossem ignorados nesse processo, os autores enfatizam que é necessário construir um lugar social para a paternidade, principalmente ao pai adolescente, pois a gravidez na adolescência não é um evento exclusivamente feminino. É comum que a mãe adolescente se preocupe com a criação e cuidado de seu filho(a) e que o pai cuida apenas do sustento.

O estudante destaca que falar com seus pais sobre sexo é estranho e que se sente bem quando fala sobre o assunto com seus amigos. Para Nascimento e Gomes (2009), para os adolescentes, a preferência para esse tipo de conversa é procurar pelos pares (amigos), pois podem trocar experiências, visando aprender uns com os outros, outra razão ressaltada é o exibicionismo ou até mesmo a expressão da virilidade que acaba facilitando a interação entre os sujeitos.

Mota de Carvalho *et al* (2009) ressalta que a gravidez que ocorre nessa fase da vida, contraria os projetos prescritos pela sociedade, como as atividades escolares, o futuro profissional, casamento ou relação amorosa estável e o estudante E10 diz que ter um filho na adolescência poderia causar o abandono dos estudos, complicando-lhe o futuro.

Assistindo ao Documentário

Uma das etapas da sequência foi o Documentário “Tudo sobre Gravidez” que retrata a história de várias mulheres em diferentes estágios de gravidez. No final do documentário, abriu-se para o diálogo, e alguns estudantes interagiram entre si, discutindo sobre a importância da maturidade do corpo feminino para uma gravidez. Foram citadas as transformações sofridas, de ordem física e psicológica, e principalmente para o parto, e questionaram sobre as dificuldades e riscos que uma adolescente grávida corre ao passar por todas essas situações.

Silva e Surita (2012) afirmam que a gravidez precoce continua sendo fonte de problemas e tensões para os adolescentes, para seus familiares e para a sociedade como um todo. Independente do meio social em que o adolescente esteja inserido, essa gravidez no momento inoportuno irá influenciar de forma significativa em sua inserção social e em suas futuras oportunidades.

Quando questionados sobre o que mais gostaram do documentário, alguns alunos disseram não saber como acontecia todo o desenvolvimento a partir do ato sexual e da fecundação, outros ficaram assustados ao verem os partos normais e cesarianos e constataram que realmente é muito cedo para vivenciarem essa experiência, conforme na Figura 4.

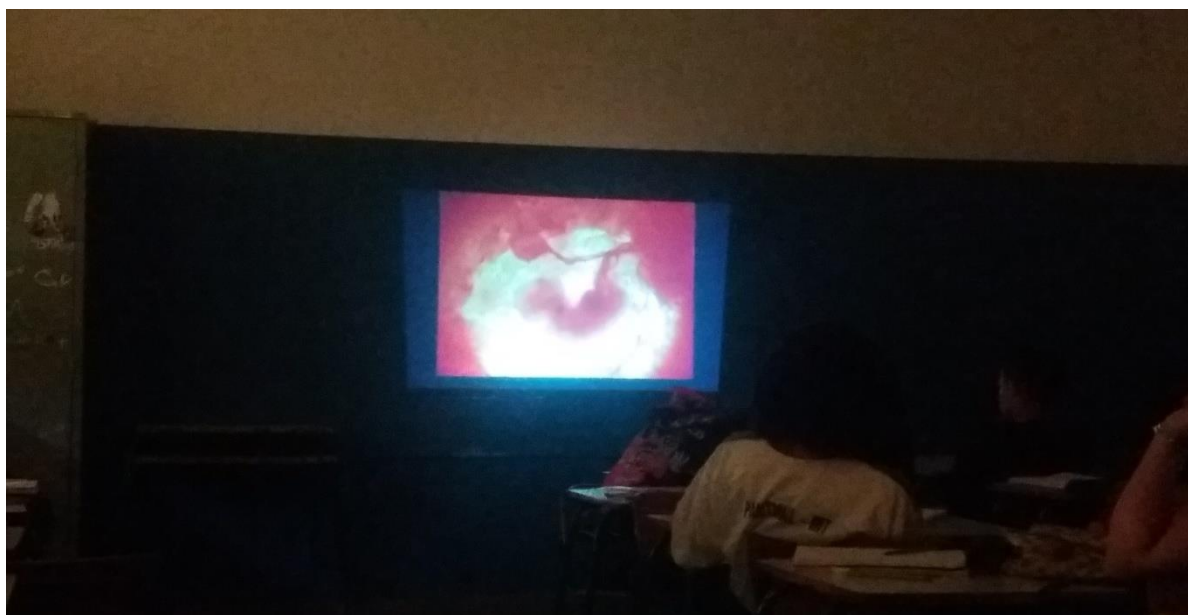


Figura 04: Alunos assistindo o documentário “Tudo sobre Gravidez”.

Fonte: Acervo das autoras- abril /2019.

Rezende e Struchiner (2009) enfatizam a importância da utilização de modelos audiovisuais educativos, que conjuguem textos e imagens, que enfoquem a temática abordada, que possa ser trabalhado com vários espectadores e que prendam a atenção dos que assistem de forma mais eficiente que os demais recursos didáticos usuais.

A utilização de vídeos por si não tem o poder de tornar o processo de educação mais significativo, é apenas uma tecnologia como varias existentes, por isso faz se necessário a mediação do professor, para que sugira reflexões, análises e convide os expectadores à interpretar fatos (ROCHA; THOMAZ; MATTOS, 2015, p.226)

Para Nunes (2010) o exercício responsável da sexualidade na adolescência é uma busca incessante de estratégias, seja de ordem pedagógica ou até mesmo sanitária, por meio de educação sexual e pelo incentivo aos métodos contraceptivos.

Após o documentário os alunos responderam à uma avaliação somativa e fizeram alguns desenhos representando a situação “Gravidez na Adolescência”, conforme a Figura 5.

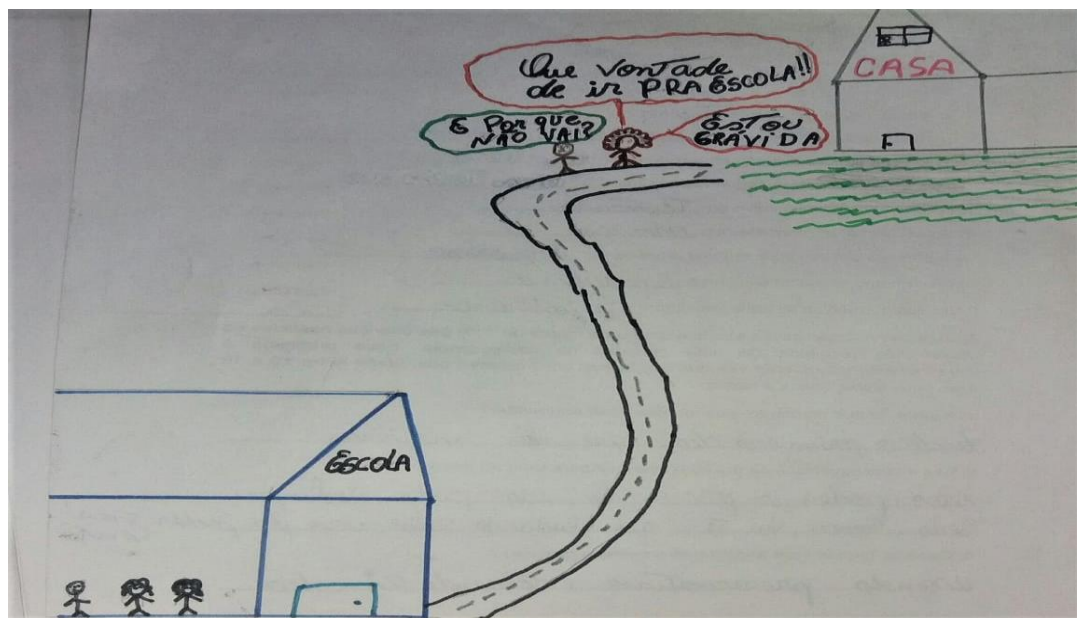


Figura 05: Desenho sobre Gravidez na Adolescência do Aluno E09

Fonte: Acervo das autoras- abril /2019.

Ao olharmos para o desenho (Figura 05) podemos perceber que o estudante **E09** relaciona à gravidez precoce de uma adolescente como um fato que a afasta da escola e conseqüentemente dos estudos, mesmo com vontade de ir para a escola, sente-se constrangida pelo fato de estar esperando um filho, ainda em idade escolar, na fase da adolescência.

Silva (2016) considera que por várias razões que a gravidez na adolescência, mesmo se planejada, está longe de ser o ideal, pois a adolescente grávida passa a vivenciar a exclusão e o afastamento da escola. Quando ocorre essa evasão, dificilmente a escola tenta o regresso da estudante grávida, é como se esse tipo de abandono aos estudos, nessa situação, fosse normal.

Quando questionados sobre as principais conseqüências da gravidez precoce para uma adolescente, a grande maioria dos estudantes entrevistados citou o abandono dos estudos como principal conseqüência.

A aluna **E3**: “...a adolescente terá que carregar um bebê na barriga por 9 meses, não poderá vir à escola, vai ser mal falada e desrespeitada pela família...”

A estudante **E1** disse que as consequências seriam: “...Largar os estudos, se afastar de parentes...”.

A aluna **E2** declarou: “...Terá que deixar os estudos, terá que contar aos pais, vai ter que trabalhar e terá que dedicar a maior parte de seu tempo para cuidar do bebê...”.

O aluno **E9**, o mesmo que fez o desenho da figura 2 respondeu: “...Não poderá ir para a escola, não poderá realizar seus sonhos, vai ter que cuidar do bebê e não poderá ficar saindo...”.

Nunes (2012) ressalta que a gravidez na adolescência é considerada um problema social, e até mesmo considerada como um mal a ser evitado. Associada a problemas sociais de ordem complexa, como pobreza e até mesmo violência. Associam a maternidade nessa etapa da vida como uma patologia, e não é um problema local, tanto que é considerado um problema mundial, prova disso foi a instituição do dia 26 de setembro como "Dia Mundial da Prevenção da Gravidez na Adolescência".

A aluna **E6** citou: “...Abandono dos estudos, deixar de conversar com seus colegas por vergonha, doenças que podem ser transmissíveis e o abalo emocional pelo arrependimento...”.

O aluno **E13** representou por meio de desenho alguns dos pensamentos de uma adolescente gestante, como o fato de parar de estudar, ser mal olhada, ser abandonada pelo pai da criança, engordar e a preocupação em relação à criação de seu filho(a). Conforme a Figura 06.

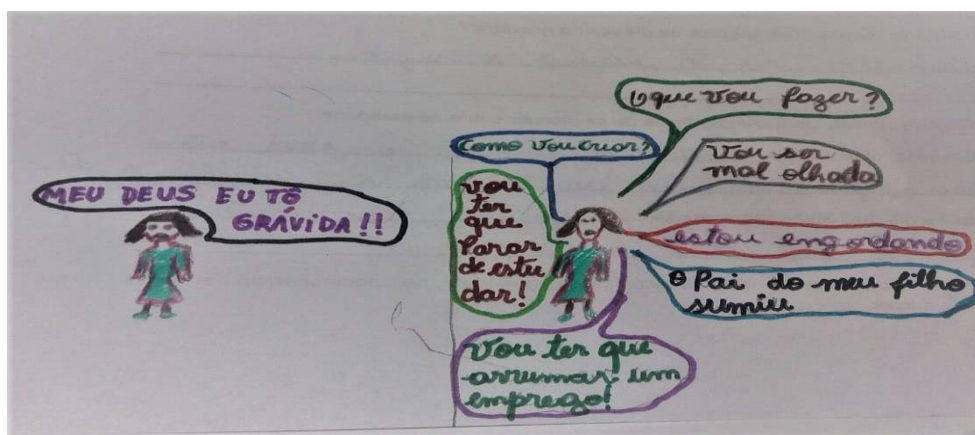


Figura 06: Desenho sobre Gravidez na Adolescência do Aluno E13

Fonte: Acervo das autoras- abril /2019.

Jogo Roleta da Sexualidade

O fechamento da sequência teve como atividade proposta a criação de um jogo de roleta e cartas “Roleta da Sexualidade” onde os próprios estudantes foram divididos em grupos. Cada grupo foi formado por afinidades, criavam as perguntas e respostas de acordo com o que haviam estudado durante todas as aulas, conforme Figura 7.

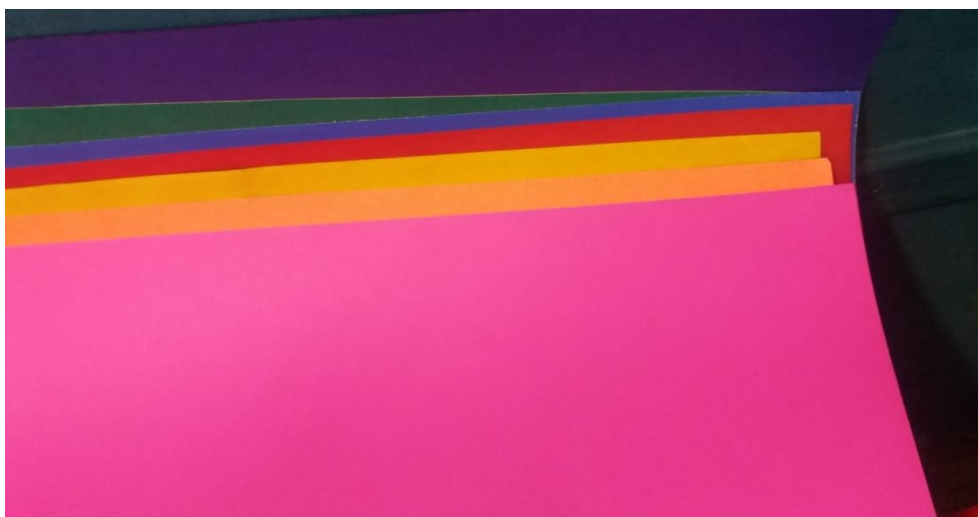


Figura 07: 7 folhas de papel cartão de cores diferentes distribuídas aos 7 grupos.

Fonte: Acervo das autoras. 2019.

Nessa atividade, um dos grupos, os que receberam o papel cartão de cor azul, cujo tema métodos contraceptivos, não fizeram suas perguntas e respostas, ficaram conversando sobre assuntos aleatórios, não se interessaram por produzir suas cartas com perguntas e respostas e não participaram do jogo. A maioria dos integrantes desse grupo era faltosa nas aulas e participaram pouco durante a aplicação da SDI.

O jogo foi a última atividade programada da sequência, ou seja, foi construído após todos os temas serem abordados nas aulas anteriores, e cada grupo construiu suas perguntas e anotou as respectivas respostas na parte de trás do cartão, conforme Figura 8.



Figura 08: cartões produzidos pelos alunos com perguntas e respostas.

Fonte: Acervo das autoras- 2019.

Segundo Antunes (2011), o interesse do aluno pelas aulas passou a ser a força que comanda o processo de aprendizagem, e o professor passou a ser um gerador de situações estimuladoras e eficazes. Na busca de materiais pedagógicos, o jogo ganhou espaço como uma ferramenta ideal para esse processo, pois é uma maneira de estimular o interesse desse estudante a descobrir e construir sua descoberta, com esse perfil. Caracteriza-se como uma atividade que objetiva decifrar os enigmas da vida, a construção de entusiasmo e alegria na aridez humana. Mas o autor enfatiza que um jogo ocasional, fora de uma ação planejada, é ineficaz, deve ser programado, marcado por etapas nítidas e que possam acompanhar o avanço dos alunos.

Valente *et al* (2017) um dos grandes desafios da educação atualmente é pensar sobre novas ferramentas educativas que superem aulas tradicionais, centradas no professor, instruído pelo livro didático, e o aluno como um ser passivo pronto para receber as informações necessárias. Vivenciando a cultura digital, é importante considerar novas práticas, que envolvem novos espaços de produção do saber, novos contextos e culturas e a valorização do cotidiano, dessa maneira, o aluno passa a ser centro do processo educativo.

Para Diesel *et al* (2017) trabalhar em grupo não é apenas fazer parte de um conjunto de pessoas, mas sim compartilhar, respeitar as singularidades, interagir, desenvolver

habilidades e para que haja tudo isso, é necessário autonomia e maturidade, dividir a sala em grupos, não é apenas juntar alunos e sim criar um espaço para desenvolvimento inter e intrapessoal, para que os envolvidos compartilhem objetivos e para que isso aconteça, o professor precisa dominar o processo, conhecer cada etapa e prepará-las, essa ação será tão ou mais exigida que uma aula tradicional expositiva, uma aula para além do conteúdo é um desafio ao docente e revela a autonomia conquistada com e pelo aluno.

É importante dizer que não se trata de um jogo de azar, e sim de atenção e estratégia pois é construído pelos próprios alunos, após terem estudado cada tema proposto, portanto quanto mais os alunos conhecem o conteúdo, mais fácil se torna jogar, pois seus conhecimentos prévios são valorizados (Figura 9)



Figura 09: Roletas com os temas e com os números.

Fonte: Acervo das autoras-2019.

Os alunos se mostraram interesse e estavam animados, pois consideraram uma forma de revisar o conteúdo de uma maneira dinâmica e divertida. E as perguntas e respostas do jogo, eram elaboradas por eles, e no momento que as roletas eram giradas, ficavam torcendo para serem escolhidas as suas cartas.

Quando se trata do ensino de ciências e biologia, muitas vezes os assuntos são tão abstratos, tratados de forma tão tradicional, por memorização ou até mesmo transmissão de informações. Com o intuito de colaborar com o ensino e a aprendizagem, o jogo é considerado uma ferramenta ideal para a aprendizagem, pois além de estimular o interesse pela aula, pode desenvolver níveis diferentes de experiências, pessoal e social, além de ajudar o estudante a construir novas descobertas, possibilitando uma vivência, mesmo que de forma virtual, a resolver

problemas, além de aproximá-los do conhecimento científico (CAMPOS; BORTOLOTO; FELICIO; 2003).

Para Antunes (2011), o jogo só deve ser utilizado dentro de uma programação que possibilite o estudante alcançar um objetivo, dentro da proposta pedagógica, como, e não quando os alunos demonstram cansaço ou tédio ao realizar alguma atividade, e deve ser aplicado de acordo com a maturidade dos estudantes que participam da atividade. Esse instrumento deve ser utilizado como combate à apatia, como uma forma de inserção e desafios em grupos.

Os alunos participantes gostaram de confeccionar e participar ativamente do jogo de perguntas e respostas, e perguntaram se poderiam jogar mais vezes, ou fazer isso outras vezes com outros conteúdos.

Esse modelo de jogo pode ser elaborado por alunos ou por professores com materiais simples, encontrados na própria escola, e utilizando outros conteúdos também, o ideal é que seja construído e aplicado no final de cada bimestre, objetivando revisar e memorizar, já que se utiliza conhecimentos anteriores dos alunos envolvidos (Figura 10).



Figura 10: Cartas prontas com perguntas e respostas criadas por cada grupo

Fonte: Acervo das autoras- 2019

A brincadeira foi uma forma de construir conhecimento de forma leve e prazerosa, tornando a sala de aula um ambiente descontraído, onde os alunos se soltavam mais, pois eles eram os protagonistas, principalmente quando suas cartas eram as sorteadas, e suas perguntas lidas.

Para Oliveira, Soares e Vaz (2015), o jogo leva o aluno a movimentar-se em sala de aula, tornando-se ativo no processo de construção do conhecimento, ou seja, o jogo é

utilizado como uma alternativa à passividade do aluno, um caminho que o leva ao aprendizado.

O tempo do jogo pode ser controlado pelo professor, de acordo com o número de cartas, quantas rodadas terá e com o tempo que o professor dispõe para essa atividade.

Validação- Análise do Questionário Final

Todos os participantes da pesquisa declararam o uso da camisinha como principal comportamento para se obter uma vida sexual saudável e sem riscos; conversa com os pais antes da iniciação sexual e não ter muitos parceiros sexuais durante a vida, também foram bastante mencionados.

- Quando questionados sobre as 3 IST's que conheceram durante as aulas ministradas na SDI obteve-se o seguinte resultado, conforme a Figura 11

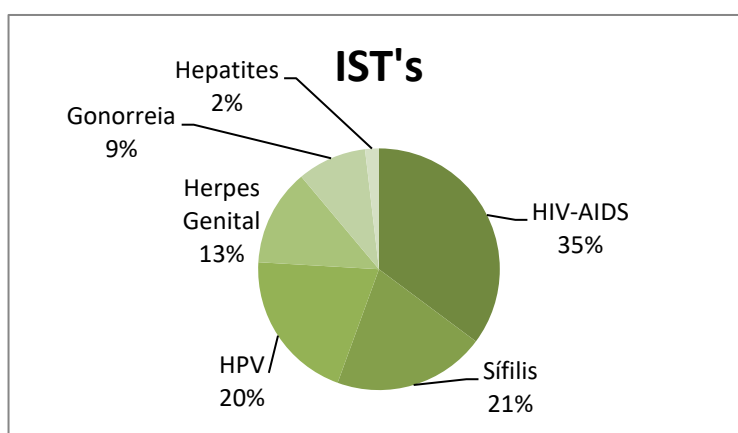


Figura 11:As IST's que conheceram durante as aulas

Verificou-se que até o momento HIV-AIDS é a mais conhecida entre os adolescentes, Sífilis em segundo lugar, e as hepatites foram citadas apenas 1 vez.

- Quando questionados sobre o único método que além de evitar a gravidez também previne as IST's, todos disseram ser a camisinha ou preservativo.

Após o preenchimento do questionário, os dados foram discutidos com o objetivo de envolver os alunos, sujeitos da pesquisa e o professor, levando à sensibilização da realidade brasileira frente à contaminação pelas diversas IST's existentes, para que surgisse em sala um momento de reflexão para que dessa maneira pudéssemos promover a criticidade e principalmente a promoção da saúde por meio da proteção da saúde sexual de cada adolescente envolvido, sendo que são tão vulneráveis nesse quesito.

Para o Ministério da Saúde (2010) é importante estimular a construção de relacionamentos em virtude do crescimento pessoal, da valorização, promoção e incentivo do autoconhecimento, pois essas atitudes implicam nas relações consigo e com o outro.

É necessário que seja construído nas salas de aula, um espaço para diálogos, para professores e alunos e que se abra espaço também para profissionais de saúde. Para que possam contribuir com assuntos que envolvam a sexualidade e a saúde do adolescente.

Lima e De Siqueira (2013), consideram que a abordagem dessas questões, especificamente no currículo de ciências que leve em conta várias dimensões, como política, social e aspectos subjetivos propiciam ao aluno uma aproximação de seu cotidiano.

- Quando questionados sobre qual seria a idade ideal para a iniciação sexual, as respostas foram as seguintes, de acordo com a Figura 12.

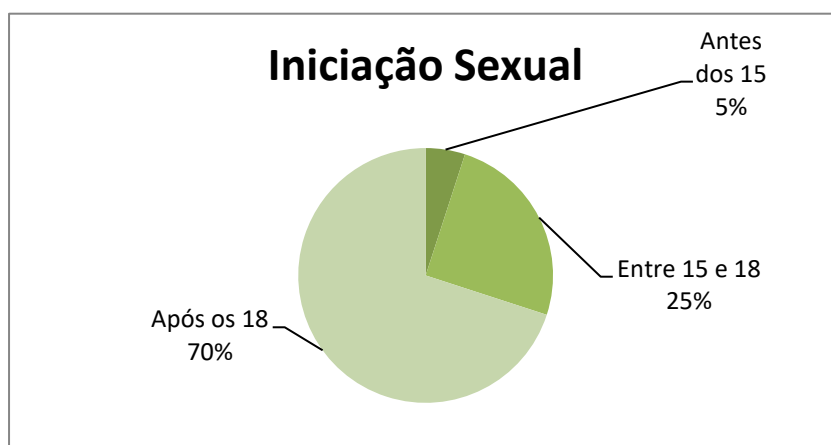


Figura 12: Idade ideal para iniciação sexual.

Apenas 1 aluno disse que a idade ideal para a iniciação sexual seria antes dos 15 anos de idade, 5 alunos disseram ser entre os 15 e os 18 anos e 14 estudantes disseram que o ideal seria após os 18 anos de idade.

Os adolescentes estão iniciando sua vida sexual cada vez mais cedo e esse fato os torna muito mais vulneráveis, a se tornarem pais, a se contaminarem com alguma doença, conflitos pessoais, emocionais, devido a alguns fatores próprios da idade, que os expõem como a necessidade de se integrar à um determinado grupo, de ser aceito, ou até mesmo de achar que nada de ruim irá acontecer consigo, com um pensamento mágico e sensação de ser invulnerável (GELUDA *et al.*, 2006).

- Quando questionados sobre a importância de se falar sobre sexualidade com os pais e nas aulas de ciências, grande parte dos entrevistados consideraram muito importante.

Para Da Costa *et al* (2017) a escola é um local apropriado para políticas no âmbito da prevenção e práticas de educação sexual com adolescentes, e as aulas são o ambiente propício para o diálogo entre alunos e professores, a fim de orientar, informar e educá-los sobre os riscos que estão expostos.

Segundo Nery *et al* (2015), o diálogo entre pais e filhos ainda é insuficiente e falho, pois quase não existe e quando existe é superficial, alheia às necessidades de seus filhos. Essa dificuldade no diálogo sobre sexualidade é culturalmente herdada. Os pais de hoje também não tiveram diálogo a esse respeito, seja por fatores culturais, religiosos e socioeconômicos, e possuem dificuldades, sobre quando e como iniciar uma conversa sobre esse assunto.

Na opinião de Barbosa e Da Costa (2008), os pais possuem interesse e sentem-se motivados para falar sobre sexualidade com seus filhos, porém é necessário que a escola crie estratégias para trabalhar com os pais dos adolescentes, e que a escola possa se unir com a família e com as unidades de saúde para ajudar os alunos a terem uma vida sexual e reprodutiva mais saudável, pois só assim promoverá Educação em Saúde e com isso a promoção da saúde para o adolescente.

Para que haja a educação sexual de qualidade, é necessário que tenha uma participação sistemática dos adolescentes, que esses estudantes tenham a oportunidade de participar de todas as etapas e que os conteúdos sejam planejados de acordo com as necessidades dos envolvidos, para que os sujeitos da pesquisa

participem do processo de construção desse conhecimento e não fique apenas como receptor de informações. (SPANIOL; SPANIOL; ARRUDA;2019)

- Quando questionados se as aulas de ciências podem colaborar com a diminuição dos comportamentos sexuais de risco, responderam que sim em um grau, como mostra a Figura 13.

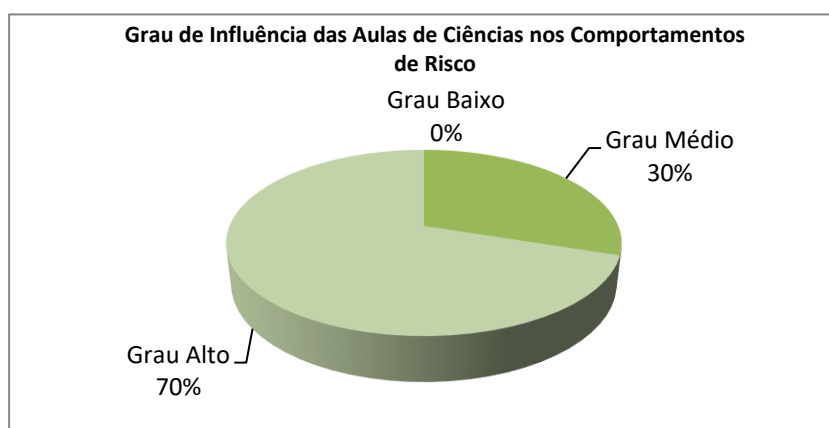


Figura 13: Aula de ciências e a influência nos comportamentos de risco

Dos 20 alunos entrevistados, 6 disseram que as aulas de ciências podem influenciar num grau médio para evitar os comportamentos de risco, já 14 disseram que influenciam num alto grau.

Para Quirino e Rocha (2012), tanto os professores quanto os familiares são importantes na formação dos adolescentes e a escola é o espaço ideal para discutir a temática sexualidade, propor reflexões individuais e coletivas. Os autores puderam perceber em suas pesquisas, que para os professores participantes a educação sexual é um processo que orienta o adolescente para a relação sexual, descrevendo processos fisiológicos objetivando prevenir tanto as IST's quanto gravidez, sendo as aulas de ciências um espaço propício para realizar esse trabalho, porém os educadores devem usar de bom senso e coerência para realizar tal orientação.

A aluna **E3**, em relação às aulas de ciências abordando sexualidade, declarou: “...é uma forma de aprendizado para os alunos, tipo como ocorre a gravidez, quais são as formas de evitar a gravidez...”

Para Da Silva Carvalho *et al* (2012), a educação é um recurso que a sociedade pode utilizar no combate ao que aflige o adolescente, dessa forma é necessário informá-los corretamente sobre sexualidade, sobre a concepção, maneiras diversas de

prevenção de gravidez e as consequências de uma sexualidade vivida sem proteção, e dessa maneira a educação e as aulas tornam-se ferramentas imprescindíveis para formar cidadãos conscientes.

O aluno **E11** declarou: "...É bom para aprender o que é uma camisinha e como colocar corretamente uma camisinha".

De acordo com Marola *et al* (2011), é clara a urgência de mudar o foco para a educação sexual nas escolas, que possa partir de questões de interesse dos adolescentes e investir no conhecimento prévio que eles possuem, e é necessário que haja formação para profissionais que atuem com esse público, para que seja habilitado ao trabalho de educação sexual. Esclarecer e quebrar tabus, mitos e crenças, que possa melhorar no aspecto de sensibilização do adolescente, que deve ser informado de forma objetiva e concreta, sem alienações, que possa sentir-se responsável pela vivência de sua sexualidade, em relação às doenças ou anticoncepção.

Para Costa *et al* (2009), o que educa ou deseduca sexualmente na escola é a qualidade das relações entre alunos e professores, pois se essa qualidade for firmada com respeito, aceitação e afeto entre os envolvidos e se o professor gosta do trabalho que desenvolve, gosta de si e se conhece, é livre de medos e tabus, pode criar um ambiente de educação sexual baseado na compreensão e não na repressão.

Opinião dos alunos em relação às aulas de ciências sobre SEXUALIDADE

Aluna E2: "...Foi bom ter falado sobre isso porque muitos pais têm vergonha de falar disso ao filho, mas na minha opinião o certo é os pais falarem disso..."

Muller (2013), destaca que depois do nascimento da criança, os pais são os principais exemplos, devendo ser os primeiros e fundamentais educadores sexuais de seus filhos. A família deve ser aberta, por mais difícil que seja a conversa, principalmente quando o assunto é um tabu, como a sexualidade, é importante que os filhos se sintam encorajados a conversar sobre o assunto, trazendo suas dúvidas e expectativas.

Aluna E4: *“...Eu acho necessário saber sobre sexualidade porque as vezes os pais não falam sobre isso em casa...”*

Para Rodrigues (2014), a família é o primeiro lugar onde a criança recebe as primeiras informações e é muito importante que haja uma relação entre a família e a escola no processo de orientação sexual, sendo que cabe a escola ensinar e corrigir algumas distorções aprendidas por outros meios ou até mesmo pela própria família.

Jardim e Brêtas (2006), afirmam que a família deve acolher e educar o indivíduo no âmbito da educação sexual desde o nascimento, porém nem sempre esta instituição cumpre de forma satisfatória essa função e acaba transferindo à escola, onde seu filho passa grande parte de sua vida. Os autores afirmam ainda que as dificuldades ao tratar esse tema estão presentes nas duas instituições, tanto a familiar, quanto a escolar.

Para Beraldo (2003), a educação sexual acontece na família, pois é ali que são ensinados os valores e condutas, por meio de experiências pessoais.

Aluna E3: *“...Eu acho muito útil, interessante e ajuda os adolescentes a se prevenirem, e hoje em dia muitos casos de gravidez são ocorridos na adolescência...”*

Aluna E6: *“...Está ótima as aulas, estou aprendendo muito que preciso me cuidar e o mais importante é as orientações e alertas. Que continue assim...”*

De acordo com Jardim e Brêtas (2006), a escola depende de seus professores para efetuar esse trabalho de orientação e prevenção, que deve ser iniciado nas séries iniciais, preparando-os para a vida, deve ser trabalhado de forma transversal em todas as disciplinas do currículo.

Aluno E9: *“...As aulas foram boas porque fiquei sabendo de coisas que não sabia e é melhor pra mim se cuidar...”*

Segundo Beraldo (2003), a orientação sexual realizada pela escola, onde são fomentadas as discussões e abre-se espaço para as reflexões acerca do tema sexualidade num aspecto formal e sistematizado em uma proposta de intervenção de seus educadores.

Quando um adolescente é envolvido num programa de educação em saúde no ambiente escolar pode se tornar capaz de recriar novos valores e uma nova realidade, podendo transmiti-la às próximas gerações, gerando mudanças. (SILVA; SILVA; GONÇALVES, 2013, p. 1043)

Aluno E10: *“...Minha opinião é que as aulas são boas porque ajuda a ter consciência na hora de fazer sexo...”*

De Holanda *et al* (2010), destacam que vários fatores permeiam a atribuição do professor no aspecto de orientação sexual, principalmente os professores de biologia e /ou ciências, numa visão clássica da biologia, e requer do professor bem mais que conteúdos, como os expostos nos livros didáticos. Requer abordagem com maior habilidade e sensibilidade, deve se sentir seguro e livre de preconceitos, pois isso poderia gerar barreiras para uma formação sexual saudável do adolescente.

Aluno E12: *“...Eu acho importante para os alunos tirarem suas dúvidas...”*

A adolescência é conhecida como uma fase de crises e explosão hormonal, tornando os adolescentes suscetíveis aos riscos de contrair as diversas IST's e mesmo não planejando vivenciarem uma gravidez não desejada, tornando-se um problema de saúde pública (CARVALHO; RODRIGUES; MEDRADO, 2005, p. 378).

Para Dos Reis e Ribeiro (2005), o professor deve sentir-se à vontade ao falar sobre sexualidade com seus alunos, partindo do princípio que é algo natural e que preconceitos não devem fazer parte da orientação dada aos alunos. Lidar com valores familiares diversos seja em relação à origem, ordem religiosa, política ou o tipo de organização familiar. Fugir de mecanismos que colaborem com a repressão sexual, devendo assim aceitar as diferenças, sejam de crenças, valores ou convicções.

Aluno E14: *“...Na minha opinião as aulas sobre sexualidade nos ajudam sobre doenças, quando não usamos preservativos e muitas coisas para nos prevenir...”*

Para Azevedo *et al* (2014), a escola tem o dever de orientar e direcionar os alunos para uma prática de prevenção, com o auxílio de programas educacionais que abordem as questões de forma correta, por meio de diálogos que instiguem o adolescente a aprender e prevenir-se, refletindo de maneira crítica, onde dissipará esse conhecimento no meio em que está inserido. E que com isso, passe a praticar

sua sexualidade de forma segura e responsável, podendo dessa forma auxiliar na quebra de tabus e principalmente quanto ao uso de preservativos.

Aluna E16: “...*Muito boas para a gente se cuidar e se prevenir e saber como pode ser feito...*”

Ao utilizar uma metodologia de trabalho com base no diálogo e participação, possibilita ao adolescente um espaço aberto para reflexão, divisão de experiências e vivências entre os participantes, permitindo-lhes que possam ressignificar e reconstruir significados, além de criar novos, e ainda possibilitar que relembrem situações que lhes marcaram (CARVALHO; RODRIGUES; MEDRADO, 2005, p. 382).

Da Silva Bretas *et al* (2009), destacam a sexualidade como natural e positivo na vida humana, e a discussão dessa temática deve acontecer livre de preconceitos e padrões, deve-se enfatizar aspectos específicos sobre as doenças pertinentes a esse contexto e o adolescente deve sentir-se acolhido, sensibilizado para que possa apropriar-se do conhecimento e então permitir-se mudar seu comportamento. Nesse aspecto o papel do professor é ressaltado como principal fonte de informação.

Para Machado *et al* (2007), a educação em saúde, para acontecer, precisa que haja um desenvolvimento de criticidade e reflexão de acordo com cada realidade propondo ações que busquem a autonomia e emancipação dos sujeitos envolvidos, e que sejam capazes de tomar decisões que os permitam cuidar de si, de seus familiares e de seus pares.

Mediante as informações apresentadas nessa pesquisa, com a temática Educação em saúde no aspecto reprodutivo, a reflexão sobre sexualidade e visando a diminuição de comportamentos de riscos entre adolescentes da educação básica, a pesquisadora desenvolveu palestras sobre Sexualidade e Prevenção de comportamentos de riscos em outras instituições de ensino durante o desenvolvimento da pesquisa (Figura 14 e 15).



Figura 14: Palestra sobre Sexualidade e Prevenção

Fonte: Acervo das autoras-2019.



Figura 15: Palestra sobre Sexualidade e Prevenção

Fonte: Acervo das autoras-2019.

Capítulo 5- Considerações Finais

Ao realizar essa pesquisa constatamos algumas angústias dos sujeitos participantes, em relação à abertura e liberdade de poder falar sobre sexualidade com os pais, sem que eles pensem que já estejam se relacionando sexualmente ou que a simples conversa irá instigá-los a práticas sexuais.

Outro aspecto observado é que os estudantes envolvidos na pesquisa consideram muito importante esse espaço na instituição escolar para reflexão, partilha de experiências e aprendizagem, principalmente para se prevenirem de situações que possam colocar em risco seu futuro e seus sonhos, como gravidez indesejada e IST's.

Pela análise dos discursos dos estudantes, a gravidez precoce é temida e acabaria distanciando o (a) adolescente do ambiente escolar. As aulas de ciências colaboram de forma significativa para que a reflexão e discussão acerca dessa temática tão importante. Nesse universo que os casos de infecções sexualmente transmissíveis crescem a cada dia e muitos casos de gravidez, vêm ocorrendo de forma indesejada. Portanto faz-se necessário a utilização de novas metodologias que oportunizem ao adolescente saber o que se passa nesse momento tão especial de sua vida para poder viver sua sexualidade de forma sadia e responsável, valorizando-se e respeitando a si mesmo e aos seus pares.

Esse período da vida dos adolescentes é marcado por transformações, essas ocorrem física e emocionalmente e momentos de reflexão no espaço escolar é fundamental para promover o diálogo e buscar mudanças e a diminuição dos comportamentos de risco entre os adolescentes, pois algumas atitudes tomadas nessa fase da vida, de forma irresponsável, podem trazer consequências graves e muitas vezes irreversíveis.

REFERÊNCIAS

ALVES, Camila Aloisio; BRANDÃO, Elaine Reis. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. **Ciência& Saúde Coletiva**, v. 14, p. 661-670, 2009.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos pagu**, n. 21, p. 281-315, 2003.

ALTMANN, Helena. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. **Cadernos de pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 175-200, 2013.

ALVES, Aline Salheb; LOPES, Maria Helena Baena de Moraes. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2008.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Editora Vozes Limitada, 2011.

AQUINO, Julio Groppo. **Sexualidade na escola**. Grupo Editorial Summus, 1997.

AZEVEDO, Bruno Del Sarto et al. Análise da produção científica sobre doenças sexualmente transmissíveis e sua relação com a saúde escolar no Brasil. **Educação em Revista**, v. 30, n. 3, p. 315-334, 2014.

BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2012.

BARBOSA, Luciana Uchôa, et al. Percepção de adolescentes sobre sexualidade e saúde reprodutiva: a escola como espaço para a educação sexual. **Cultura de los cuidados**, 2019, 23.55: 25-34.

BARBOSA, Stella Maia; DA COSTA, Patrícia Neyva Pinheiro; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. O comportamento dos pais em relação à comunicação com os filhos adolescentes sobre prevenção de HIV/aids. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 9, n. 1, p. 96-102, 2008.

BERALDO, Flávia Nunes de Moraes. Sexualidade e escola: espaço de intervenção. **Psicologia escolar e educacional**, v. 7, n. 1, p. 103-104, 2003.

BERETTA, Maria Isabel Ruiz et al. A construção de um projeto na maternidade adolescente: relato de experiência. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 2, p. 533-536, 2011.

BEZERRA, Ada Augusta Celestino; TANAJURA, Laudelino Luiz Castro. A Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas. **Revista eletrônica pesquiseduca**, v. 7, n. 13, p. 10-23, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2017.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

CAMPOS, L. M. L., BORTOLOTO, T. M., & FELÍCIO, A. K. C. (2003). A produção de jogos didáticos para o ensino de ciências e biologia: uma proposta para favorecer a aprendizagem. **Caderno dos núcleos de Ensino**, v. 3548, 2003.

CANDIDO-SILVA, Priscila Aparecida; SILVA, Marta Angélica Iossi; GONÇALVES, Marlene Fagundes Carvalho. A interface da promoção de saúde e a educação sexual em uma escola de educação básica: relato de experiência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 8, n. 4, p. 1038-1045, 2013.

CARVALHO, Alysson Massote; RODRIGUES, Cristiano Santos; MEDRADO, Kelma Soares. Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. **Estudos de Psicologia**, v. 10, n. 3, p. 377-384, 2005.

CASAS, Luana; AZEVEDO, Rosa. CONTRIBUIÇÕES DO JOGO DIDÁTICO NO ENSINO DE EMBRIOLOGIA. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, [S.l.], v. 4, n. 6, p. 80-91, abr. 2017. ISSN 1984-7505. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/17>>. Acesso em: 31 maio 2018.

CHAVES, Ana Clara Patriota et al. Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 1, p. 48-53, 2014.

COELHO, Débora de Moraes. Intervenção em grupo: construindo rodas de conversa. **ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO**, v. 14, 2007.

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da Educação Escolar**. 2 ed. Porto Alegre. Artmed, 2004.

COSTA, Ana Paula et al. Sexualidade, gênero e educação: novos olhares. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 4, n. 1, p. 65-75, 2009.

COSTA, Mariana Aparecida et al. Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 4, n. 1, p. 123-132, 2014.

CRESWELL, J. W. Uma estrutura para projeto. _____. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DA COSTA, Thais dos Santos et al. Escola, sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidades para as infecções sexualmente transmissíveis (IST). **Revista interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão**, v. 4, n. 1, 2017.

DA CUNHA, Marcia Borin. Jogos no ensino de química: considerações teóricas para sua utilização em sala de aula. **Química Nova na Escola, São Paulo, [s. L.]**, v. 34, n. 2, p. 92-98, 2012.

DA SILVA BRÊTAS, José Roberto et al. Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. **Acta paulista de enfermagem**, v. 22, n. 6, p. 786-792, 2009.

DA SILVA CARVALHO, Isaiane et al. A sexualidade em livros didáticos de ciências do 8º ano do ensino fundamental: uma abordagem satisfatória? **Adolescência e Saúde**, v. 9, n. 3, p. 29-36, 2012.

DE ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo; DE LOURDES CENTA, Maria. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 71-76, 2009.

DE ARAÚJO, Denise Lino. O que é (e como faz) sequência didática? **Entrepalavras**, v. 3, n. 1, p. 322-334, 2013.

DE CARVALHO, Fabiana Aparecida. QUE SABERES SOBRE SEXUALIDADE SÃO ESSES QUE (NÃO) DIZEMOS DENTRO DA ESCOLA? **EDUCAÇÃO SEXUAL: em busca de mudanças**, p. 1, 2009.

DE HOLANDA, Marília Lima et al. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. **Cogitare Enfermagem**, v. 15, n. 4, 2010.

DE OLIVEIRA, Maria Marly. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Editora Vozes Limitada, 2013.

DE OLIVEIRA, Sílvia Roberta Peixoto Silva, et al. Validação do jogo digital PREVINIX para prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis na adolescência. **RE. SAÚDE. DIGI. TEC. EDU.**, Fortaleza, CE, v.4, n.2, p.163-178, ago./dez. 2019.

DE MELO, Kellen Lachietti Vieira; GOMES, Cláudia Maria Costa. POBRES MENINAS MÃES: A SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA E AS ESTRATÉGIAS NA

FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS COMO GARANTIA DOS DIREITO SÓCIO-REPRODUTIVOS DE ADOLESCENTES. In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019**. 2019.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

DO ESTADO, Fundo Social de Solidariedade et al. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1990.

DOCUMENTÁRIO Tudo Sobre Gravidez. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c1BUwpGqcq8> (Último acesso em: 21 de junho de 2019).

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michéle. SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**, 2004.

DOS REIS, Giselle Volpato; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade e educação escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. **Sexualidade e infância**, 2005.

EW, Raquel de Andrade Souza, et al. Diálogos sobre sexualidade na escola: uma intervenção possível. **Revista Psicologia em Pesquisa**, 2017, 11.2.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: EdUEL, 2009.

FIORINI, Jessica Sampaio; DE ALMEIDA DÁTILLO, Gilsenir Maria Prevelato. Sexualidade e escola: uma discussão necessária. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. 2, p. 320-340, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148p

GALIAZZI, M. do C.; MORAES, Roque. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

GASPARIN, João L. Umadidática para a pedagogia histórico-crítica. 5. ed. **Revista. Campinas: Autores Associados**, 2013.

GASPARIN, João Luiz. **A construção dos conceitos científicos em sala de aula**. 2007. Disponível em: Acesso em: 1 jun. 2018.

GELUDA, Kátia et al. " Quando um não quer, dois não brigam": um estudo sobre o não uso constante de preservativo masculino por adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, p. 1671-1680, 2006.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. O enfoque histórico-cultural e seu sentido para a psicologia clínica: uma reflexão. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**, v. 5, p. 193-214, 2001.

GUIRADO, Marlene. Sexualidade, isto é, intimidade. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, , p. 25-42, 1997.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Editora da Universidade de S. Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

JANEIRO, José Manuel da Silva Vilelas. Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola? **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 29, n. 3, p. 382, 2008.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Rev Bras Enferm**, v. 59, n. 2, p. 157-62, 2006.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

LIMA, Ana Cristina; DE SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz. Ensino de Gênero e Sexualidade: diálogo com a perspectiva de currículo CTS. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 6, n. 3, p. 151-172, 2013.

MACHADO, Maria de Fátima Antero Sousa et al. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS: uma revisão conceitual. **Ciência & saúde coletiva**, v. 12, p. 335-342, 2007.

MADUREIRA, Luciana; MARQUES, Isaac Rosa; JARDIM, Dulcilene Pereira. Contracepção na adolescência: conhecimento e uso. **Cogitare Enfermagem**, v. 15, n. 1, p. 100-105, 2010.

MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação**. ISSN 2175-3520, n. 33, 2011.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Saúde e sexualidade na escola. **Porto Alegre: mediação**, 1998.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 08 abr. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Orientações básicas de Atenção Integral à saúde de adolescentes nas escolas e Unidades Básicas de Saúde**. Brasília. DF: Editora do Ministério da Saúde, 2010.

MIRANDA, Jean Carlos; GONZAGA, Glaucia Ribeiro; COSTA, Rosa Cristina. Produção e avaliação do jogo didático “Tapa Zoo” como ferramenta para o estudo de zoologia por alunos do ensino fundamental regular. **Holos**, 4: 383-400, 2016.

MOTA DE CARVALHO, Geraldo; BARBOSA MERIGHI, Miriam Aparecida; PINTO DE JESUS, Maria Cristina. Recorrência da parentalidade na adolescência na perspectiva dos sujeitos envolvidos. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 18, n. 1, 2009.

MULLER, L. **Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais**. São Paulo: Academia do Livro, 2013.

NERY, Inez Sampaio et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015.

NUNES, Silvia Alexim. Problematizando a gravidez na adolescência. **Revista Epos**, v. 1, n. 1, p. 0-0, 2010.

NUNES, Silvia Alexim. Esperando o futuro: a maternidade na adolescência. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 22, p. 53-75, 2012.

OLIVEIRA, Jorgiano Souza; SOARES, Márlon Herbert Flora Barbosa; VAZ, Wesley Fernandes. **Banco químico: um jogo de tabuleiro, cartas, dados, compras e vendas para o ensino do conceito de soluções**. 2015.

PANTOJA, Ana Lídia Nauar. " Ser alguém na vida": uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, p. S335-S343, 2003.

PINTO, HD de S. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. **AQUINO, JG**. Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas, v. 3, p. 43-51, 1997.

QUIRINO, Glauberto; DA ROCHA, João Batista Teixeira. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, v. 28, n. 43, p. 205-224, 2012.

RESENDE, José Manuel; BEIRANTE, David. **Educar a sexualidade a várias temperaturas na escola portuguesa**. ETD-Educação Temática Digital, 2018, 20.2: 391-412.

REZENDE, Luiz Augusto; STRUCHINER, Miriam. Uma proposta pedagógica para produção e utilização de materiais audiovisuais no ensino de ciências: análise de um vídeo sobre entomologia. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 2, n. 1, p. 45-66, 2009.

REY, Fernando Luis González. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. **Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. ISSN 2175-3520**, n. 13, 2001.

RIZZI, Leonor; HAYDT, Regina Célia. Atividades lúdicas na educação da criança. **Ática, 6ª edição, Série Educação**, 1997.

ROCHA, Marcelo Borges; THOMAZ, Cristiane Mendes; MATTOS, Marcelo Nogueira. Gênero e sexualidade na sala de aula: o uso do cinema como recurso pedagógico. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, v. 6, n. 17, p. 219-246, 2015.

RODRIGUES, Cibele Pavani. **A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil**. 2014.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. Educação sexual na escola. **Pediatria**, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000.

SANDSTROM, C.I. **A Psicologia da Infância e da Adolescência**. 7. ed. Rio de Janeiro. Zahar editores, 1980.

SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro; ARPINI, Dorian Mônica. A Abordagem do Tema Sexualidade no Contexto Familiar: o Ponto de Vista de Mães de Adolescentes. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 36, n. 1, p. 130-144, 2016.

SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro; ARPINI, Dorian Mônica. Atravessamentos das histórias maternas na relação com filhos (as) adolescentes e a sexualidade. **Contextos Clínicos**, v. 9, n. 2, p. 178-193, 2016.

SCHROEDER, Edson; FERRARI, Nadir; MAESTRELLI, Sylvia Regina Pedrosa. Construção dos conceitos científicos em aulas de ciências: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento como referencial para análise de um processo de ensino sobre sexualidade humana. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 3, n. 1, p. 21-49, 2010.

SILVA, Denise Regina Quaresma da. Exclusão de adolescentes grávidas em escolas do sul do Brasil: uma análise sobre a educação sexual e suas implicações. **Revista de Estudos Sociais**, n. 57, p. 78-88, 2016.

SILVA, João Luiz Pinto; SURITA, Fernanda Garanhani Castro. Gravidez na adolescência: situação atual. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 34, n. 8, p. 347-350, 2012.

SILVA, MS da; SILVA, MR da; ALVES, Maria de Fátima Paz. Sexualidade e adolescência: é preciso vencer os tabus. In: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte**. 2004.

SPANIOL, Claudia; SPANIOL, Mayra Muller; ARRUDA, Sonimary Nunes. Gravidez na adolescência e educação sexual: percepções de alunas do ensino médio de um município da Serra Catarinense. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 19, n. 2, p. 61-83, 2019.

SPRINTHALL, N. A; COLLINS, W. **A. Psicologia do Adolescente, uma abordagem desinvolventista**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

SUPLICY, Marta et al. Sexo se aprende na escola. In: **Sexo se aprende na escola**. Olho D'água, 1995.

TOBASE, L. TAKAHASHI, R.T. Ensino de enfermagem em nível médio: utilização de estratégia facilitadora com material reciclável. **Revista Esc Enferm USP**.38(2).p.175-160.2004.

THIOLLENT, Michel Jean Marie; COLETTE, Maria Madalena. **Pesquisa-ação, universidade e sociedade**. 2013. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/114882/2013123%20-%20Pesquisa%20a%20C3%A7%C3%A3o%2c%20universidade%20e%20sociedade.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Último acesso em 26/05/2019.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

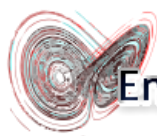
ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Representação da Unesco no Brasil. Constituição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura –Brasília, DF, 2018. Disponível em http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/un_urges_comprehensive_approach_to_sexuality_education/ Último acesso em 29/07/2019.

VALENTE, José Armando; DE ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; GERALDINI, Alexandra Fogli Serpa. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Revista Diálogo Educacional**, v. 17, n. 52, p. 455-478, 2017.

WAGNER, Adriana et al. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 1, p. 75-80, 2002.

WITTER, Geraldina Porto; GUIMARÃES, Edna Araújo. Percepções de adolescentes grávidas em relação a seus familiares e parceiros. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 28, n. 3, p. 548-557, 2008.

APÊNDICE 1



Programa de Pós-Graduação em

Ensino de Ciências Naturais

Universidade Federal de Mato-Grosso

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro aluno

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da sequência didática “Educação em Saúde com Adolescentes no Aspecto Reprodutivo”, que se refere à produção de um material didático estratégico para o Ensino de Ciências, da mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências Naturais da Universidade Federal de Mato Grosso, sob a coordenação da Professora Lenicy L. M. Cerqueira . Sua forma de participação consiste em participação nas aulas e responder às atividades que abordam o assunto.

Seu nome não será divulgado em qualquer fase da pesquisa o que garante seu anonimato. Não será cobrado nada; não estão previstos ressarcimentos ou indenizações.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir a qualquer momento e sem prejuízos à pesquisa.

Desde já agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações. Em caso de dúvida(s) e outros esclarecimentos sobre esta pesquisa você poderá entrar em contato com a professora e mestranda pelos e-mails: jessica_biologa@hotmail.com (Jéssica) e professora_coordenadora.lenicy.cerqueira@gmail.com (Lenicy).

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO SUJEITO DA PESQUISA:

Eu li e discuti com o investigador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito. Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas. Eu receberei uma cópia assinada e datada deste Documento DE ASSENTIMENTO INFORMADO.

NOME DO ALUNO	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL	DATA
---------------	---------------------------	------

(NOME DO INVESTIGADOR PRINCIPAL	ASSINATURA	DATA
---------------------------------	------------	------

Local

Data: __/ __/ ____

Assinatura do Entrevistado

Assinatura (s) do(s) Pesquisador(es)



Impressão do dedo polegar, caso
não saiba assinar

APÊNDICE 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL 2019/1
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ENSINO DE BIOLOGIA

Cuiabá-MT, 11 de março de 2019.

A(o) Sr(a).

Diretor(a) da Escola SENADOR AZEREDO

O Curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais/UFMT **solicita autorização desta Direção para desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso neste estabelecimento de ensino, bem como para fotografar e/ou filmar suas dependências, que será conduzido pela pós-graduanda JÉSSICA FLÁVIA DA SILVA OLIVEIRA, sob a coordenação da Professora LENICY L. M. CERQUEIRA.**

No âmbito deste pedido, garante-se a total manutenção da privacidade e confidencialidade dos dados, não sendo utilizados quaisquer dados que possam conduzir à identificação dos sujeitos envolvidos na pesquisa, competindo-nos ressaltar que serão encaminhados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (aos responsáveis, quando se tratar de aluno menor de idade, ou assinado pelo próprio interessado, nos casos de idade igual ou superior a 18 anos) bem como o Termo de Assentimento dos estudantes menores de 18 anos.

A pesquisa prevê o desenvolvimento de um produto educacional inclusivo a ser testado por estudantes de sua escola com vistas a contribuir para a melhoria no processo de Prevenção de Gravidez precoce e IST's nas escolas públicas do Estado de Mato

Grosso. Visando, ainda, um acesso mais amplo ao material produzido, está prevista a publicação dos resultados obtidos.

Cordialmente,

JÉSSICA FLÁVIA DA SILVA OLIVEIRA
MESTRANDA NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Eu, _____, Diretor (a) de Educação da Escola Estadual Senador Azeredo, li e compreendi as informações contidas no presente documento e

- autorizo a recolha de fotos/vídeos
 não autorizo a recolha de fotos/vídeos

Diretor(a)

____ / ____ / ____

APÊNDICE 3**Questionário 1****Educação em Saúde com Adolescentes no Aspecto Reprodutivo****Identificação**

1-Sexo:Masculino () Feminino ()

2 - Idade ____anos.

3- Seus pais conversam com você sobre sexo? () Sim () Não

4- Se a resposta da pergunta 3 for Sim, quando e como foi a primeira conversa ? Você se sentiu constrangido?

5- Você já ouviu falar sobre métodos contraceptivos? () Sim () Não

6- Você se informa sobre sexo com seus amigos? () Sim () Não

7- Em sua opinião para que serve o preservativo ou camisinha?

8- Você considera importante a utilização de preservativos? Por quê?

9- Conhece alguém próximo à você que foi pai ou mãe ainda na adolescência?

10- Em sua opinião quais seriam as consequências de uma gravidez precoce para a vida de um adolescente como você?

11- Em sua opinião uma mulher pode engravidar na primeira relação sexual?

12- A partir de que momento que o menino e a menina se tornam férteis?

Menino _____

Menina _____

13- Você acha importante um diálogo com os pais sobre questões sexuais? Sim () Não ()

14- Você acha importante um diálogo em sala de aula sobre questões sexuais?

Sim () Não ()

15- Com quem você tem mais liberdade para conversar sobre questões sexuais? (Assinale uma ou mais alternativas)

() Com minha mãe () Com meu pai () Não falo sobre sexo com meus pais

16- Por que é tão difícil falar sobre sexo com os pais? (Assinale uma ou mais alternativas)

() Não acho difícil, falo abertamente sobre sexo com eles

() Porque eu tenho vergonha

() Porque meus pais têm vergonha

() Porque meus pais vão achar que não sou mais virgem

() Porque meus pais acham que estão me incentivando a ter relações sexuais se falarem deste assunto

() Outra causa, exemplifique

APÊNDICE 4

Questionário Final

1-Na sua opinião, quais comportamentos você deve ter para ter uma vida sexual saudável, sem riscos?

1ª) _____

2ª) _____

2-Cite 3 IST's que você conheceu durante as aulas ministradas.

1ª) _____

2ª) _____

3ª) _____

3- Em sua opinião, qual o único método contraceptivo que também previne as IST's?

4- Em sua opinião, quando uma pessoa deve iniciar sua vida sexual?

Antes dos 15 anos Dos 15 aos 18 anos Após os 18 anos

5- Para você, falar sobre sexualidade com sua família é:

Pouco Importante Muito Importante Desnecessário

6- Para você, falar sobre sexualidade nas aulas de ciências é:

Pouco Importante Muito Importante Desnecessário

7- Como você considera as informações recebidas sobre IST's:

Não influenciam Suficientes para me cuidar Desnecessárias

8- Como você considera as informações sobre os riscos de gravidez precoce:

Não influenciam Suficientes para me cuidar Desnecessárias

9) Em sua opinião, as aulas de ciências, tratando o tema sexualidade podem colaborar na diminuição dos comportamentos sexuais de risco, num grau:

Baixo Médio Alto Não influenciam em nada

10) Deixe sua opinião em relação às aulas ministradas sobre SEXUALIDADE.

APÊNDICE 5**Complemento de Frases**

Sexualidade é

Tenho medo

Me sinto bem quando

Falar de sexo na escola

Falar de sexo com

Ter um filho na adolescência

Prevenir é

O papel do professor

APÊNDICE 6

Planos de Aula



Professor: Jéssica	Disciplina: Ciências	Data: 15/03/2019
Duração da aula: 50 minutos	Turma A	20 alunos
Objetivo da aula:	Descobrir o nível de entendimento do aluno sobre essa fase que está vivenciando, sobre as transformações físicas (características secundárias) e hormonais, sobre a puberdade e a identificação das funções dos órgãos dos aparelhos reprodutores.	
Conteúdo da aula:	<ul style="list-style-type: none"> • Puberdade • Características primárias e secundárias • Hormônios sexuais 	
Recursos didáticos:	Quadro branco e canetas coloridas.	

Professor: Jéssica	Disciplina: Ciências	Data: 22/03/2019
Duração da aula: 50 minutos	Turma A	20 alunos
Objetivo da aula:	<p>O objetivo dessa atividade é que cada aluno escreva suas dúvidas em um papel, sem identificação, e o deposite na caixa, e cada pergunta será respondida durante as discussões sobre sexualidade.</p> <p>Essa aula acontecerá com o apoio de recursos de multimídia, com imagens para que os alunos consigam ver cada órgão e o que acontece em cada um deles, abrindo para questionamentos durante a aula expositiva.</p>	
Conteúdo da aula:	<ul style="list-style-type: none"> • Sexualidade 	
Recursos didáticos:	<p>Caixa de sapato encapada</p> <p>Tiras de papel</p> <p>Datashow</p> <p>Notebook</p>	

Professor: Jéssica	Disciplina: Ciências	Data: 29/03/2019
Duração da aula: 50 minutos	Turma A	20 alunos
Objetivo da aula:	Pesquisar sobre temas relacionados à sexualidade e Produzir um texto dissertativo argumentativo se posicionando sobre o assunto.	
Conteúdo da aula:	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciação sexual precoce, aborto e crianças e adolescentes convivendo com HIV. 	
Recursos didáticos:	Quadro branco e canetas coloridas.	

Professor: Jéssica	Disciplina: Ciências	Data: 05/04/2019
Duração da aula: 1h 40 min	Turma A	20 alunos
Objetivo da aula:	Reconhecer a importância do uso de preservativos para a prevenção de IST's e também contra a gravidez indesejada.	
Conteúdo da aula:	<ul style="list-style-type: none"> • IST's • Métodos Contraceptivos • Gravidez na Adolescência 	
Recursos didáticos:	<p>Datashow</p> <p>Notebook</p> <p>Reportagens sobre Gravidez precoce</p> <p>Entrevistas e reportagens sobre IST's</p>	



Professor: Jéssica	Disciplina: Ciências	Data: 12/04/2019
Duração da aula: 1h 40 min	Turma A	20 alunos
Objetivo da aula:	Conhecer o processo de fecundação e as etapas do desenvolvimento embriológico até o momento do parto.	
Conteúdo da aula:	<ul style="list-style-type: none"> • Fecundação • Desenvolvimento Embriológico • Tipos de Parto 	
Recursos didáticos:	<p>Datashow</p> <p>Notebook</p> <p>Documentário “Tudo sobre Gravidez”</p>	

Professor: Jéssica	Disciplina: Ciências	Data: 19/04/2019
Duração da aula: 1h 40 min	Turma A	20 alunos
Objetivo da aula:	Revisar todo o conteúdo abordado por meio de um jogo de cartas com perguntas e respostas formuladas pelos estudantes.	
Conteúdo da aula:	<ul style="list-style-type: none"> • Aparelho Reprodutor Feminino; • Aparelho Reprodutor Masculino; • IST's • Métodos contraceptivos • Puberdade • Gravidez Precoce • Desenvolvimento Embriológico 	
Recursos didáticos:	<p>Papel cartão de cores variadas (Verde, Azul, Roxo, Rosa, Vermelho, Laranja e Amarelo)</p> <p>Tesouras</p> <p>Cd</p> <p>Moldes para as roletas</p>	

APÊNDICE 7**Avaliação Somativa de Ciências**

1) Sobre os aparelhos reprodutores, analise os termos contidos no quadro abaixo e preencha as lacunas com cada termo apropriado:

- a) A fecundação ocorre nas _____
- b) Fecundação é o encontro dos _____
- c) Os espermatozoides são produzidos nos _____
- d) Os espermatozoides são armazenados nos _____
- e) O embrião se desenvolve no _____
- f) Os óvulos são produzidos nos _____
- g) A próstata e a vesícula seminal produzem o _____
- h) O hormônio sexual masculino é _____
- i) Um dos hormônios sexuais feminino é _____

Testosterona
Testículos
Estrógeno
Trompas
Útero
Esperma
Gametas
Ovários

2) Segundo a Organização Mundial da Saúde, cerca de 11% das crianças nascidas no mundo são resultado de uma gravidez na adolescência. Esse problema é extremamente grave, uma vez que a gravidez em mulheres com idade entre 10 e 19 anos pode trazer danos à saúde.

- a) A partir de que momento uma menina pode engravidar?

- b) Cite 4 consequências da gravidez precoce para uma adolescente.

- c) Quais as formas mais seguras de prevenir a gravidez?

- 3) Em sua opinião, qual a importância de se discutir sobre sexualidade :

- a) Em casa, com os pais: _____

- b) Na escola, nas aulas sobre sexualidade: _____

- c) Faça um desenho que caracterize a gravidez na adolescência e suas consequências: